

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**CINTHIA MENEZES DE JESUS  
MARCOS ANTÔNIO SANTOS SIMÕES**

**RÁDIODOCUMENTÁRIO:  
A PROPAGAÇÃO DA FÉ CATÓLICA:  
A RÁDIO CULTURA DE SERGIPE COMO MEIO DE EVANGELIZAÇÃO**

**ARACAJU-SE**

**2018**

CINTHIA MENEZES DE JESUS  
MARCOS ANTÔNIO SANTOS SIMÕES

**RÁDIODOCUMENTÁRIO:  
A PROPAGAÇÃO DA FÉ CATÓLICA:  
A RÁDIO CULTURA DE SERGIPE COMO MEIO DE EVANGELIZAÇÃO**

Projeto de pesquisa teórico-prático apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

ORIENTADOR

Profa. Msc. Juliana Almeida Correia

ARACAJU-SE

2018

CINTHIA MENEZES DE JESUS

MARCOS ANTÔNIO SANTOS SIMÕES

**RÁDIODOCUMENTÁRIO:  
A PROPAGAÇÃO DA FÉ CATÓLICA:  
A RÁDIO CULTURA DE SERGIPE COMO MEIO DE EVANGELIZAÇÃO**

Projeto de pesquisa teórico-prático apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

ORIENTADOR

Profa. Msc. Juliana Almeida Correia

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

---

---

## **RESUMO**

Este trabalho teórico prático tem como base a análise da história da comunicação na Igreja, abrangendo a importância da Rádio Cultura de Sergipe na evangelização da Arquidiocese de Aracaju. Para tanto, foi elaborado um documentário de cunho radiofônico que possibilitou a abordagem dos fatos e a percepção do tema proposto sob a luz de testemunhos fundamentais na história da emissora, além de trazer uma linguagem jornalística. O trabalho elaborado é de fundamental importância para a compreensão dos avanços comunicacionais, sociais e religiosos causados pela chegada da emissora.

Palavras-chave: Evangelização. História do rádio sergipano. Igreja Católica. Rádio Cultura de Sergipe.

## **ABSTRACT**

This theoretic work has as base the analyze at church communication encompassing the Radio Culture importance of Sergipe state on Arquidiocese Aracaju evangelization. Therefore, it was elaborated a documentary of journalist stamp what has made possible an abording facts and a proposed theme perceptions under fundamental testimonies light on a issur history beyond bringing a journalistic language. The work developed is of fundamental importance for the understanding of the communication, social and religious advances caused by the arrival of the station.

Keywords: Evangelization. Sergipe radio history. catholic church. Sergipe Culture Radio.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 RÁDIO E IGREJA: UM CAMINHO DE PERCALÇOS E AVANÇOS</b> .....	9
2.1 A Imprensa .....	9
2.2 O Cinema.....	12
2.3 Rádio Vaticano: um grande avanço para a comunicação na Igreja .....	15
<b>3 ELEMENTOS DA LINGUAGEM RADIOFÔNICA</b> .....	18
3.1 A palavra radiofônica .....	21
3.2 A música radiofônica.....	22
3.3 Efeitos Sonoros .....	23
3.4 O silêncio .....	24
3.5 A montagem .....	24
<b>4 O DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO</b> .....	26
<b>5 HISTÓRIA DA RÁDIO CULTURA DE SERGIPE: NOVAS POSSIBILIDADES NA COMUNICAÇÃO DO ESTADO</b> .....	31
5.1 A programação e os seus objetivos.....	33
5.2 O “Conversando com Dom Lessa”: a palavra do pastor.....	34
5.3 O esporte na Cultura .....	35
5.4 O jornalismo na Cultura e a importância da credibilidade .....	37
5.5 Uma história que segue formando gerações .....	38
<b>6 METODOLOGIA</b> .....	40
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47
<b>APÊNDICES</b> .....	50
<b>ANEXOS</b> .....	76

## 1. INTRODUÇÃO

A Igreja e a comunicação estão juntas há anos, pois para chegar aos seus fieis, era necessário que a instituição fizesse uso de técnicas e instrumentos da comunicação, inicialmente oral, mas também da escrita, do cinema, do rádio, da TV, da internet e por aí em diante. Por isso, este trabalho tem como base a história da Igreja, que é permeada pela comunicação e utiliza os meios para propagar as suas doutrinas.

A Igreja Católica, em diversos momentos, não aceita os novos meios de comunicação, como o cinema, por exemplo, passa a discutir sobre ele e, por seguinte, entende que tal meio era importante para a difusão do seu conteúdo. Assim acontece com os demais meios já citados aqui. Entendendo a importância dos meios, os chefes da Igreja buscaram apresentar aos seus fieis diversos documentos que tinham como finalidade apresentar regras do que poderia ou não ser utilizado.

Ao passar dos anos, a Igreja Católica começa a se abrir um tanto mais aos novos conceitos de comunicação, a ponto de tratar em um Concílio a importância da comunicação para a instituição.

Com base no papel dos meios de comunicação dentro do catolicismo, este trabalho traz, de forma específica, as diversas formas de atuação da Rádio Cultura de Sergipe, que é um dos principais canais de divulgação para a instituição religiosa no Estado.

A Rádio Cultura é fundada com dois objetivos específicos, a saber, a evangelização e a educação, pois se fazia necessário para a Arquidiocese de Aracaju ter um veículo oficial de comunicação. Depois, ela está inserida no Movimento de Educação de Base, o MEB, que, de forma inovadora, transmitia programas educacionais para os ouvintes.

Além de mostrar o papel da emissora no que tange a evangelização, em consonância a comunicação, este trabalho é composto por um documentário radiofônico, o qual traz a

história da rádio, nomes importantes que passaram por ela, o seu valor para a sociedade de outrora e de agora, bem como a sua importância para a propagação da fé católica no Estado.

O documentário de cunho radiofônico traz também os depoimentos dos primeiros administradores da rádio, de pessoas que acompanham a emissora desde a sua concepção, assim como colaboradores que até hoje a colaboram com a Rádio.

Compreender o papel da Rádio Cultura nesses anos, bem como a sua importância para a evangelização na Arquidiocese de Aracaju se faz fundamental para as próximas gerações, portanto, este conteúdo servirá como base para outros trabalhos, sejam na área da comunicação ou até mesmo da educação.



## **2. RÁDIO E IGREJA: UM CAMINHO DE PERCALÇOS E AVANÇOS**

Antes mesmo de compreender a relação que a Igreja Católica tem com o rádio, é de fundamental importância entender como hora ela é cautelosa a adentrar ao novo mundo da comunicação e como depois passa a usá-lo como meio de evangelização. Para isso, é importante ter como base o que aponta Puntel (1994), quando disserta sobre a histórica luta dos que estavam à frente da instituição em certos períodos para conter a projeção dos meios que começam a surgir, bem como para adaptar os usos desses meios para o interesse e propagação da própria Igreja.

### **2.1 A Imprensa**

Bem antes do rádio, a imprensa, bem como as produções que chegaram com o advento das novas mídias, a Igreja Católica precisou reiterar o seu papel de educadora e passou a tratar do assunto com mais zelo.

O papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma nova tecnologia que poderia ameaçar o controle eclesiástico da produção cultural de seu tempo. Foi também nesse período que a Igreja estabeleceu um rigoroso controle, examinando os livros suspeitos de heresia (oposição aos ensinamentos da Igreja). (PUNTEL. 1994, pg. 32).

A censura foi extremamente criticada e marcou profundamente a história da Igreja. Neste contexto, Puntel (1994) destaca que “a autoridade da Igreja é sinônimo de hierarquia, entendida aqui como a centralização da tomada de decisões, determinando normas e estabelecendo padrões de comportamento para os fieis” (PUNTEL. 1994, pg. 31). Ou seja, a Igreja tinha como principal foco, como acontece até hoje, indicar aos seus seguidores importantes normas que eles precisariam seguir e orientá-los a descartar da sua vivência textos que contrariassem a doutrina religiosa.

Por outro lado, o catolicismo volta-se para a importância que tem aquele novo meio de transmissão de mensagens. Depois de publicar o *Inter Multiplices*\* em 1487, onde se define o pensamento da Igreja sobre os impressos, a Igreja percebe que é fundamental ter como aliado esse importante meio que, querendo ou não, começava a permear a população, sobretudo, o público católico.

(...) a Igreja Católica começou a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para difundir sua missão. A postura eclesial era a de usar as tecnologias dos meios de comunicação como um “campo de batalha”. A Igreja raciocinou do seguinte modo: se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação social para difundir o mal, então a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal. (PUNTEL, 1994, pg. 33-34).

Os diversos documentos que reafirmavam a posição da Igreja sobre os meios de comunicação continuaram a ser publicados, sobretudo, com as mudanças no patriarcado da instituição. A cada mudança de Papa, eram reiteradas ou não certas posições. Ainda sobre a imprensa, Puntel (1994) recorda que no pontificado de Pio X a postura da Igreja foi recondicionada.

A encíclica *Pieni d'Animo*, por exemplo, proíbe os seminaristas de lerem jornais e relembra aos sacerdotes que não deveriam escrever para revistas ou jornais sem licença, mesmo tratando-se de matéria puramente técnica (PUNTEL, 1994, pg. 34).

Puntel (1994) afirma que somente “no período de 1878 a 1939 a Igreja mostrou alguma flexibilidade em relação à imprensa e às novas tecnologias de comunicação” (PUNTEL, 1994, pg. 35), no entanto é coerente recordar que desde a criação da prensa – isto na Europa – a Igreja entendia sua importância, todavia, essa relação de poder hierárquico – já falada aqui – tinha a consequência dos bloqueios aos novos meios.

---

\* A Encíclica é um documento oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, feita pelo Papa, abordando um tema de interesse dos fiéis e da sociedade em geral. No caso específico, a *Inter Multiplices* foi assinada pelo papa Inocêncio VIII, em 1487.

Como se percebe, a Igreja Católica, na sua história, esteve sempre ligada aos meios de comunicação, seja de forma cautelosa ou aberta. Basta se deparar com a evolução da humanidade, no que tange a comunicação dos homens, ou até mesmo analisando as formas com o que a Igreja, na sua magnitude, tem se utilizado dos meios para promover os seus princípios. Tais princípios formaram gerações ao longo dos anos. Burke (2002) retrata essa estratégia da Igreja em se utilizar dos meios para a promoção das crenças.

Imagens, especialmente estátuas, eram outra importante forma de comunicação e mesmo de propaganda no mundo antigo, sobretudo em Roma na era de Augusto. Essa arte oficial romana influenciou a iconografia dos primórdios da Igreja Católica: a imagem de Cristo "em sua majestade", por exemplo, era uma adaptação da imagem do imperador. (...) De maneira semelhante, o papa Gregório, o Grande (c.540-604), dizia que as imagens serviam para aqueles que não sabiam ler — a grande maioria — da mesma maneira como a escrita servia para aqueles que liam. Beijar uma pintura ou uma estátua era um modo comum de expressar devoção, (BURKE, 2002, p. 18-19).

Em toda a história da humanidade, as instituições formaram opiniões e criaram conceitos, que até hoje são seguidos. Portanto, o uso dos meios favoreceu a fidelização das pessoas ao que a instituição apresentava. Isso se dá, principalmente, pela relação que a Igreja mantinha e mantém até hoje com os meios e as suas produções, sejam elas positivas ou não para a Igreja. Puntel (1994) recorda que a relação entre a Igreja e a comunicação é baseada principalmente na relação da Igreja com os recursos tecnológicos da comunicação, mais que a Igreja e a comunicação como um processo social.

A democratização da comunicação na América Latina passa, inclusive, na perspectiva do avanço e abertura que a Igreja entende como positivo. Com o advento do cinema e do rádio, a Igreja se mostra um tanto mais aberta, porém cautelosa.

A evolução do cinema no início do século XX impressionou o papa Pio XI, que se tornou pessoalmente interessado na recente invenção; essa nova tecnologia de comunicação levou a criar a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC), em 1928. (PUNTEL, 1994, p. 35).

## 2.2 O cinema

Não é de se espantar que, por vezes, a Igreja Católica tenha se posicionado contrária a diversos avanços dos meios de comunicação. Isso, como já explorado, se dá com o intuito de orientar os fieis que eram impactados, pela grande abrangência que tinha o cinema, por exemplo.

Puntel recorda da Encíclica *Vigilanti Cura*, escrita por Pio XI e dirigida aos bispos dos Estados Unidos. A Legião da Decência era o principal assunto tratado no documento.

Esta era uma “cruzada nacional para pressionar os produtores de filmes, boicotando filmes e peças teatrais considerados imorais. A cruzada foi conduzida por padres e leigos, inclusive protestantes e judeus, sobre a orientação dos bispos dos Estados Unidos. (PUNTEL, 1994, p. 36)

A encíclica fala da traição dos produtores de filmes dos Estados Unidos, que não haviam cumprido o acordo do chamado “Código Hays”. Como aponta o documento escrito pelo Papa, a incitação dele aos bispos foi uma forma de chamar a atenção dos espectadores e conclamar a não darem audiência aos produtos que “ofendam a verdade e a moral cristã”.

Neste código havia a promessa de que jamais se produziria uma película apta de rebaixar o nível moral dos espectadores, capaz de desacreditar a lei natural e humana, ou de provocar simpatia por sua violação. No entanto, apenas de uma tão clara determinação, espontaneamente tomada, os responsáveis mostraram-se importantes para realiza-la e os produtores pareceram indispostos a obedecer aos princípios que se tinha obrigado a observar (*Vigilanti Cura* – p. 7)

Como é perceptível, existia sempre muita cautela ao se abrir aos meios de comunicação, no entanto, com os avanços dos mesmos a Igreja buscava recondicionar os seus pensamentos quanto ao seu uso. Por isso, na mesma encíclica o Papa externa seu reconhecimento pela importância do cinema, quando diz que “(...) não se encontra hoje meio mais potente do que o cinema para exercer influência sobre as multidões” (PUNTEL, 1994).

A forma de criar consciência nos seus fieis era de extrema importância para a Igreja Católica. Vejam, não era apenas incitar a não assistir, por exemplo, mas compreender que, por não ser “moralmente” aceita, não se fazia coerente “apreciar”.

Ainda sobre os documentos da Igreja, pode-se citar o primeiro documento sobre comunicação. A Encíclica *Miranda Prorsus* (MP) é dividida em quatro partes e traz, assim como os documentos outrora expostos aqui, a preocupação do papa. Neste documento, Pio XII. Vamos nos atentar apenas ao que diz respeito ao rádio, antes mesmo de falar sobre a história e a presença da Igreja no veículo.

Depois de citar a importância de se atentar ao conteúdo dos filmes, o pontífice vem alertar os católicos para a importância de se preocuparem com o discernimento quanto seleção cuidadosa e inteligente dos programas.

Os ouvintes católicos ficaram ‘proibidos de ouvir transmissões prejudiciais a sua fé ou à sua vida moral’; o ouvinte ‘deve levar ao conhecimento dos responsáveis pelos programas seus legítimos desejos e suas justas objeções’. (PUNTEL, 1994, p. 43)

O Concílio Vaticano II foi uma grande reunião de bispos de todo o mundo, que foram convocados para “deliberar em comum sobre três importantes sessões”. O evento, considerado o mais importante para a Igreja até os tempos atuais, aconteceu entre 1962 e 1965. Com o Concílio, o catolicismo toma novos rumos, sobretudo, quanto à comunicação social.

Portanto, o Vaticano II foi decisivo na tentativa de a Igreja Católica reconhecer e entender o mundo no qual vivemos, com suas expectativas, seus anseios e suas características, muitas vezes dramáticas. (PUNTEL, 1994, pg. 46)

O Vaticano II foi fundamental para o estreitamento da relação da Igreja e a comunicação social. Tanto que um dos principais documentos extraídos do Concílio foi o *Inter Mirifica* que, segundo Puntel, “assinala a primeira que um concílio geral da Igreja se volta para o problema da comunicação”.

O documento refere-se aos instrumentos de comunicação, tais como imprensa, cinema, rádio, televisão e outros meios semelhantes, que também podem ser propriamente classificados como instrumentos de comunicação social. (PUNTEL, 1994, p. 54).

O decreto foi bastante criticado por diversos jornalistas de países da Europa e dos Estados Unidos. Segundo Puntel (1994), houve três correntes de crítica: uma francesa, outra americana e uma terceira alemã. No livro, a autora destaca o porquê das críticas e, sobretudo, as suas consequências. Depois, finaliza o tópico resumindo a sua posição sobre o decreto.

Infelizmente, o decreto olhou para o passado e não para o futuro, olhou para dentro e não para fora. Ele não aproveitou as realizações criativas do profissionalismo e da prática secular em comunicação de massa. Ao contrário, aborda “preconceitos católicos ultrapassados” e “preocupa-se mais com a Igreja do que com a cristandade em geral”. (PUNTEL, Joana T. 1994, pg. 62).

Partindo para a presença fundamental da Igreja nos meios de comunicação de massa, mas agora como parte integrante neste contexto, é importante analisar a forma como ela se utiliza do meio para propagar os seus princípios.

Como vimos anteriormente, a Igreja Católica precisou se reformular e muito para adaptar-se às novas realidades, mas essa “reformulação” foi conquistada por consequência de profundos e extensos debates, como já colocados aqui. Além disso, documentos que traçaram novos conceitos e ideias para a Igreja, principalmente, no que se diz respeito a sua relação com a comunicação.

Puntel apresenta em seu livro um importante capítulo sobre a Igreja e a comunicação na América Latina, destacando como a democratização da comunicação foi primordial para os avanços no que tange à educação da população.

### 2.3 Rádio Vaticano: um grande avanço para a comunicação na Igreja

Em 1931, a Igreja, por meio do então papa Pio XI, dá um importante passo na comunicação para o mundo. Enquanto o rádio era ainda desconhecido em diversas localidades, soava no Vaticano as palavras do Pontífice por meio da então Rádio Estação do Estado da Cidade do Vaticano.

Era ali a primeira mídia eletrônica de massa da Igreja que propagou a evangelização e a mensagem cristã para outros lugares, espalhados no mundo inteiro. Inicialmente, um transmissor de 10kw e duas frequências foram as duas características da inauguração.

Atualmente, a Rádio é destaque no mundo inteiro, afinal, foi expandida em diversos países, tendo, inclusive, filiais que transmitem em idioma local.

Na mensagem inaugural da Rádio Vaticano, por exemplo, o papa Pio XI dirigiu-se aos “infiéis e dissidentes” chamando-os para a conversão, além de chamar operários e patrões para manutenção da ordem, “evitando qualquer competição hostil e conflitos mútuos, combinado com aliança fraterna e amigável”. (SOLON, 2004. Pg. 3)

A Rádio foi, de fato, um grande avanço para o catolicismo, bem como a transformação da atuação do povo neste contexto. Com base no *Inter Mirifica*\*, Puntel (1994) aponta que a “modernização” da Igreja, quanto à comunicação, passa pela necessidade de caminhar conforme os avanços da sociedade moderna.

Apesar das tantas limitações apontadas, deveríamos ressaltar os aspectos positivos do *Inter Mirifica*. Em resumo, esse decreto pode ser considerado um divisor de águas em relação à mídia, e não um fim em si mesmo. (...) Além de reconhecer que é dever de todos contribuir para a formação das dignas opiniões públicas, o decreto

---

\* *Inter Mirifica* – aceitação oficial da Igreja dos meios de comunicação para desenvolver um trabalho pastoral. O decreto *Inter Mirifica* é o segundo dos dezesseis documentos publicados pelo Vaticano II. Aprovado a 4 de dezembro de 1963.

assume os instrumentos de comunicação social como indispensáveis para a ação pastoral. (PUNTEL, Joana T. 1994, pg. 62)

Neste contexto de democratização da comunicação e o papel da Igreja Católica neste processo, bem como a sua motivação a se adaptar a esta realidade, deve-se também pensar como isso interviu na relação da América Latina, por exemplo, o Brasil, e os meios de comunicação. É o que aponta Puntel (1994) sobre as formas de atuação da Igreja na década de 50.

Uma das mais importantes abordagens de comunicação de massa que a Igreja usou durante esse período foi a chamada “missão popular”. Especialmente na década de 50, muitos grupos de “missionários” iam de região em região, pregando para diversas cidades reunidas ou até mesmo países inteiros. (...) Os líderes religiosos da zona rural, percebendo o desprezo e a exploração dos camponeses, começaram a suprir a ausência de serviços governamentais. A própria Igreja entregou-se a uma série de iniciativas tais como educação de adultos (escolas radiofônicas, por exemplo), crédito, cooperativas de comercialização e de produção, postos de saúde etc. (PUNTEL, 1994, pg. 106-107).

A explosão do rádio em todo o mundo motivou a instituição a contar com esses mecanismos para a propagação das suas doutrinas e conceitos, de forma a atingir melhor os seus seguidores e disseminar os seus princípios religiosos. Antes disso, no entanto, surgia as Escolas Radiofônicas, como descreve Puntel (1994), exemplificando a ação em algumas as regiões do Brasil.

As escolas radiofônicas em Natal (RN) constituíram uma experiência bem-sucedida. Por isso, os bispos da CNBB estenderam o sistema dessas escolas para outras áreas rurais subdesenvolvidas do país: Norte, Nordeste, Centro-oeste e norte de Minas Gerais. O Governo Federal financiou as escolas radiofônicas, sobre a direção da CNBB, por cinco anos. O sistema espalhou-se então rapidamente e, em 1963, havia 59 sistemas em operação, usando 25 rádios transmissoras e atingindo 7.353 escolas, em 57 dioceses e 15 estados. (PUNTEL, 1994, pg. 108-109).

Como se percebe, ao longo da história da comunicação social, a Igreja buscou se fazer presente, seja de forma a reprimir a forma com que se usava tais meios, ou se utilizando dele como parte integrante do processo de evangelização, como aconteceu com o rádio, especificamente.



### **3. ELEMENTOS DA LINGUAGEM RADIOFÔNICA**

Comunicação, derivação do latim *communicare* é a ciência que permite as interações e compreensões entre os humanos e seus conviventes, se tornando imprescindível para o estabelecimento das relações sociais desde o início dos tempos, consentindo a formação de grupos, como os familiares, comunidades e sociedade como um todo.

Sendo fundamental para o desenvolvimento humano a comunicação permeia o aprendizado contínuo atemporal utilizando-se de registros pretéritos ao presente, possibilitando a construção de um futuro mais profícuo, onde o comunicar-se é relevante para a transmissão sucessiva de conhecimento ao longo da história, perpetuando dentre inúmeros o legado do aprendizado e dos direitos adquiridos.

Todas as informações transcritas pela comunicação consistem em um processo de movimento de mensagens em códigos entre um emissor e um receptor, as quais são interpretadas de maneiras diversas como; visual, escrita e oral.

A comunicação como ciência evoluiu e ramificou-se em várias áreas ao longo do tempo, dentre as quais se destacam o jornalismo com as suas mais variadas expressões; revistas, jornais, TV, internet e rádio. No contexto do mundo cada vez mais conectado é célere o aprimoramento dos meios que envolvem as funções do informar, convencer e entreter públicos heterogêneos para que se possa alcançar vastamente a sociedade e mantê-la consciente de tudo que a cerca.

O jornalismo em meio as comunicações existentes, exerce um papel fundamental na formação de uma sociedade, fornecendo-lhe elementos que sustentem suas conjecturas na criação de um cidadão cada vez mais cômico de sua importância na composição social a que

ele pertence. Os instrumentos jornalísticos são variados em sua aplicação, a linguagem e suas formas possuem uma magnitude neste processo de entendimento entre os interlocutores.

Dentre estas linguagens de comunicação, a *Linguagem Radiofônica*, que se apresenta numa complexa forma sonora e não sonora representada por recursos relevantes; da palavra, da música, dos efeitos sonoros, do silêncio e da montagem, no qual o sentido está determinado através de conjunto de condições que representam o sistema de conhecimento sonoro e imaginativo visual do público. A linguagem do rádio deve ser precisa, simples, contínua (mas forte em variações), eficaz, própria, invocativa e agradável às percepções (BALSEBRE, 2005, p 327 a 330).

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é o mais popular e o de maior alcance público, constituindo-se, muitas vezes, no único a levar a informação para populações de vastas regiões que ainda hoje não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais. Este “*status*” foi alcançado por dois fatores congregados: o primeiro, de natureza fisiopsicológica: o facto de ter o Homem capacidade de captar e reter a mensagem falada e sonora simultaneamente com a execução de outra atividade que não a especificamente receptiva; o outro, de natureza tecnológica: a descoberta do transistor (BELTRÃO, 1968, p. 112 e 113).

As características do rádio são: a instantaneidade e a velocidade com as quais o meio permite ir mais adiante de seu potencial de acesso, assumindo assim um perfil que o caracteriza como público, rápido e transitório. Sendo “pública” por emitir mensagens que não são endereçadas a ninguém em particular, seu conteúdo está aberto ao critério público; “rápida” por permitir que as mensagens sejam endereçadas a atingir grande audiência em

tempo relativamente curto e “transitório” por possuir a intenção de que sejam consumidas imediatamente.

No contexto socioeconômico, vale ressaltar o tamanho diminuto de um receptor de rádio, que o torna facilmente transportável, permitindo inclusive uma recepção individualizada em lugares públicos, além de seu baixo custo, possibilitando a aquisição por uma vasta parcela da população.

Além do contexto socioeconômico, podemos agregar a facilidade no uso do rádio, onde o receptor está livre de fios e tomadas, permitindo ao ouvinte manter-se atualizado sobre inúmeros fatos de sua cidade, estado, país e do mundo, sem a necessidade de sair de seu lar, ou até mesmo, usufruir desta conveniência e praticidade durante uma viagem, no carro ou no trabalho.

Devido à sua autonomia, o rádio deixou de ser um meio de recepção coletiva e tornou-se individualizado. Esta característica permite ao emissor falar para toda a sua audiência como se falasse para cada ouvinte em particular. Com a atividade de ouvir podem desenvolver-se outras tarefas e, por isso, o rádio torna-se um “pano de fundo” em qualquer ambiente, despertando a atenção do ouvinte quando a mensagem é do seu interesse. Com o rádio podemos ouvir notícias ao mesmo tempo em que efetuamos outras atividades, o mesmo já não acontece com o telejornal televisivo que necessita de nossa atenção integral para que possamos assimilar a informação que deseja ser transmitida.

Todo o perfil do rádio aqui observado vem ratificar a importância dele como um importante instrumento de comunicação de massa, colocando-o numa condição especial à transmissão da informação, de maneira mais rápida que qualquer outro veículo, considerando inclusive os aspectos geográficos inerentes ao relevo, permitindo um alcance a pontos mais remotos do planeta.

Ao que se refere à linguagem radiofônica, convém realçar que a informação é simples e caracterizada pela repetição de conceitos de modo que o ouvinte possa assimilar a ideia que se pretende comunicar. Eliminar o supérfluo para não desvirtuar o significado da mensagem tornou-se um imperativo. Assim, a naturalidade de expressão prevalece em detrimento das palavras confusas e das frases complicadas, isto para que o ouvinte não se sinta compelido a esforços superiores à sua compreensão normal.

Na busca de uma interação mais objetiva na leitura da mensagem transmitida através do código entre o emissor e o receptor, se fez necessário o desenvolvimento de uma linguagem autêntica na qual seja possível definir sua gramática e sua sintaxe, respaldando a existência da linguagem quando tem um conjunto sistemático de signos que permite certo tipo de comunicação. A função comunicativa da linguagem tem aspecto duplo: um código, repertório de possibilidades para produzir enunciados significantes e a mensagem, variações particulares sobre a base do código. A linguística moderna fixa também um terceiro aspecto entre o código e a mensagem: o uso social e cultural (MEDITSCH, 2005, p.327).

Ressalta-se a fundamentação de que quanto mais comuns e consensuais forem as estratégias de produção de significado, de codificação e deciframento, mais eficazes serão as mensagens na comunicação emissor-receptor. Mas para isso também é preciso integrar a forma e o conteúdo, o semântico e o estético. O semântico é tudo que diz respeito ao sentido mais direto e manifesto dos signos de uma linguagem, transmite o primeiro nível de significação sobre o que se constituem o processo comunicativo. O estético é o aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos de percepção. A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo,

carregado de valores emocionais ou sensoriais e a informação estética da mensagem influencia mais sobre nossa sensibilidade do que nosso intelecto (MEDITSCH, 2005, p.327, 328).

Sobre as variáveis existentes no tocante a comunicação do rádio inúmeros procedimentos técnicos, que por meios artificiais possibilitam ao receptor desenvolver a ilusão sobre uma determinada realidade sonora, desta forma o ouvinte percebe e produz imagens auditivas em consonância com o seu sistema sensorial, adaptado às condições em que se estabelece a escuta radiofônica. Podemos assim afirmar resumidamente que a linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelo sistema expressivo da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio.

### **3.1 A palavra radiofônica**

A palavra é indispensável como parte do sistema radiofônico, onde ela possui um potencial imensurável de transmitir a informação, mesmo considerando o uso natural e cotidiano da linguagem, não devemos olvidar a importância da palavra imaginada como fonte evocadora de uma experiência sensorial mais complexa. Diversos aspectos desta complexidade, destacamos a integração entre o texto escrito e a improvisação verbal, onde o locutor procura interpretar eliminando o efeito distanciador, lançando por vezes de um discurso improvisado, estabelecido sobre três regras: não falar sobre o desconhecido, não se distanciar do tema e dispor-se fisicamente.

Em conjunção aos aspectos citados temos diversos tratamentos sonoros para a palavra, onde componentes estéticos da mensagem transcendem o puro significado linguístico da palavra, sendo estes fatores determinantes na produção das cores do som, como: intensidade, volume, intervalo e ritmo.

As vogais têm o poder de colorir a voz. As consoantes projetam as vogais e dão conteúdo. Se as vogais são os sons musicais da palavra, dando forma e cor a nossa voz, as consoantes são seu significado. E na construção da mensagem, clareza e sonoridade são essenciais. O som da palavra define-se acusticamente pelo timbre, tom e intensidade e a cor da palavra é a dimensão resultante da inter-relação destes três elementos no âmbito perceptível. O som agudo excitará no ouvinte uma imagem auditiva luminosa e clara, o grave, mais obscura. A cor da palavra conota também relações espaciais. (BALSEBRE, 2005, p. 331)

Certamente, a expressão do locutor rege uma importante relação com o ouvinte estabelecido por variáveis que podem determinar uma relação de empatia e identificação, dando a percepção de real e presente, bem como a conotação de uma voz “amiga”, onde pode se estabelecer a sensação de presença ou proximidade oriunda de vozes mais graves, enquanto as mais agudas impõem uma impressão psicológica de distanciamento. Segundo Balsebre (2005), as vozes mais graves são mais indicadas para programas noturnos, por trazerem um contato psicológico mais estreito num horário em que o ouvinte está mais tranquilo. Já uma voz mais aguda que denota mais clareza e inteligibilidade, embora menos presença, seja mais adequada para programas diurnos, mais alegres e excitantes no momento em que a audiência está mais dispersa e em movimento. Estas relações espaciais sugeridas pela cor da voz constituem um repertório de relações significativas no processo de codificação imaginativa visual da palavra radiofônica (BALSEBRE, 1994, p. 250).

### **3.2 A Música Radiofônica**

Seria a música influência a experiência sensorial onde os elementos sonoros contribuem para a composição da chamada imagem auditiva que colabora com a descrição, característica basilar da linguagem radiofônica.

A música radiofônica possui basicamente duas funções estéticas: expressiva, quando o movimento afetivo da música cria “clima” emocional e “atmosfera” sonora e descritiva,

quando um movimento espacial que denota a música descreve a paisagem, a cena de ação de um relato, assim descreve BALSEBRE (2005).

Podemos concluir que a música em ritmo, melodia e harmonia é a imagem no rádio, estabelecendo uma linguagem de emoção que conota uma relação afetiva com o ouvinte.

### **3.3 Efeitos Sonoros**

O efeito sonoro apesar de possuir um sentido conotativo bem definido e diferenciado, sua harmonia será dada pela justaposição ou superposição deste com a palavra e ou a música. Neste conjunto harmônico de distintos sistemas expressivos da linguagem radiofônica constroem-se características específicas do meio, a exemplo de efeitos sonoros de um trovejar ou de ondas do mar, possibilitando ao ouvinte construir uma imagem de um ambiente subjetivo intimista.

A evolução dos efeitos sonoros foi imprescindível, deixando de apenas retratar “som ambiente”, fator de verossimilhança e ambientação objetiva; atribuindo-lhe diversas conotações que permitiram a transmissão de movimentos e funções, das quais destacamos: ambiental, expressiva, narrativa e ornamental.

A função ambiental é responsável por dar uma alusão espacial da cena como o exemplo citado acima, podendo também ser utilizada na associação com base em arquétipos referenciais, como o efeito sonoro de um navio, dando ao ouvinte a percepção de local e situação a que se pode envolver. A função expressiva é aquela que desperta algum tipo de sentimento, podendo ou não estar associado às demais funções.

A função narrativa se desenvolve quando o efeito sonoro promove um nexo entre duas cenas da narração como, por exemplo, o cantar do galo para anunciar o dia. A função ornamental do efeito sonoro é utilizada para fins estéticos e não funcionais, dando harmonia

ao conjunto e fortalecendo o envolvimento afetivo do ouvinte e sua produção de imagens auditivas (BALSEBRE, 2005, p, 334).

### **3.4 O silêncio**

No processo comunicativo, o silêncio enaltece fortes paixões como o amor, a raiva, o medo, a surpresa; tendo sua intensidade como objeto redutor no uso de palavras na definição de tais sentimentos. Para isto uma relação interdepende com a linguagem verbal é imprescindível. Por quanto, acautela-se sobre o uso efetivo do silêncio, que pode ocasionar positivamente uma reflexão do ouvinte, levando-o a adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem; por outro lado, o silêncio pode acarretar uma atuação negativa no processo comunicativo, quando a duração de sua aplicabilidade extrapola o intuito da interlocução.

O silêncio é ainda um elemento distanciador que proporciona a reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem. Mas não se deve esquecer que se a atenção cessa depois de 6 a 10 segundos de duração constante de uma mesma forma sonora, sucede o mesmo quando se trata de uma forma não sonora. Ou seja, a partir de uma determinada duração o silêncio atua negativamente no processo comunicativo (BALSEBRE, 2005, p. 334).

Baumworcel (2005) analisa o silêncio na perspectiva do receptor quando o ouvinte, em silêncio, produz suas próprias ilusões ou imagens mentais do que o emissor constrói na dramaturgia da realidade, permitindo-se uma abstração pessoal dos espectros ouvidos, sendo criados em base de suas experiências pessoais do que poderia retratar tais efeitos sonoros.

### **3.5 A Montagem**

Para que possamos definir mais claramente o elemento da montagem na linguagem radiofônica, afirma Balsebre (2005) que se faz necessário estabelecermos a necessidade



irrefutável que junto ao ato de perceber, no rádio, se impõe também o ato de imaginar, visto que a imaginação é um sentido interno que nos permite evocar e reproduzir as impressões sensoriais e perspectivas na ausência de seus objetos, bem como permite a construção de uma imagem a partir de um objeto sonoro percebido: a imagem auditiva, sendo a imaginação no rádio a produção de imagens auditivas.

A montagem se tornou cada vez mais viável com o advento das tecnologias, possibilitando alterações das mais diversas nas fontes sonoras, como: cortar, colar, alterar a qualidade e a natureza; contribuindo grandemente à criatividade e a intenção comunicativa do autor da mensagem.

Criou-se um novo conceito de real, onde a montagem promoveu na realidade radiofônica em suas percepções um aspecto “mais real” do que o próprio “real”, como por exemplo; a inserção de um fundo musical que possa imprimir um sentimento mais emotivo a um monólogo dramático. São fato as variáveis de aplicabilidade da montagem no contexto da linguagem radiofônica, onde ela permeia sobre as mais diversas construções possíveis da imagem sonora, projetando sobre o ouvinte uma relação afetiva, consequência de seu nível de significação conotativo-simbólico.

## 4. O DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO

O radiodocumentário é uma forma de reportagem com o qual se pode alcançar ideias e inovar no formato, permitindo a montagem e a distinção fracionada da realidade. A organização não precisa seguir uma ordem cronológica, mas uma coerência da representação dos fatos para que se faça entender os conceitos apresentados.

Basicamente uma sonora pode ser acrescida à história, não com intuito de repetir a notícia transcrita pelo repórter, mas sim para acrescentar uma informação nova. “A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses.” (MCLEISH, 2001, p.91).

Para Barbosa Filho (2003), o documentário é apresentado de forma analítica, mescla pesquisa documental, medição dos fatos, comentários de especialistas e a investigação do fato de conotação não artística.

A generalidade sobre o tema é o norteador do documentário, onde diversos representantes com variados pontos de vista têm posicionamentos relativos ao público com tópicos que permeiam a sociedade, não havendo a necessidade de ser algo factual, porém que retrate a realidade, sendo o fato vivido no presente, no passado ou no transcorrer de um longo período de tempo. Sendo assim, o emissor através de pesquisas irá apresentar evidências gerando autossuficiência que seja de interesse público.

É comum que os temas para programas se apresentem como ideias que, de repente, se tornam óbvias. Com frequência, tem a ver com questões contemporâneas, tais como as relações raciais, o desenvolvimento urbano, a poluição e o meio ambiente, a pesquisa médica. O programa pode explorar em detalhes um único aspecto de um desses assuntos, tentando examinar em termos gerais como a sociedade enfrenta as mudanças. Outros tipos de documentário focalizam uma só pessoa, atividade ou evento. (MCLEISH, 2001, p.191)

O documentário permite o aprofundamento do tema inicial, com base em pesquisas, e arquivos sonoros que vão estar inclusos no roteiro (MCLEISH, 2001). Com o objetivo da construção do documentário, faz-se entender a necessidade de atentar ao que vai noticiar, atentando aos princípios básicos da interlocução.

Alguns autores defendem que o documentário não passa de uma grande reportagem, por seguir o mesmo ritmo de produção. O produtor de um radiodocumentário pode ouvir até 20 fontes. O tempo pode variar de 30 minutos às 1h de gravação (MCLEISH, 2001, p. 279). Várias sonoras e intervenções do locutor podem ocorrer, desde que mantenha-se uma ordem cronológica e a atenção do ouvinte, sendo o repórter o elo dos acontecimentos e o ilustrador. Chantler (2006) recomenda que essa passagem deva ser gravada em estúdio, para maior compreensão do público. A fim de um documentário sintético, a narrativa jornalística tem de estar inserida no script.

Importante ressaltar que a construção do documentário é muito mais do que simplesmente noticiar um fato, ele é um espetáculo montado por trás da interlocução, sendo por maneira criada através de um processo cauteloso na adoção de critérios à seleção de notícias.

Noticiar um processo organizado que implica uma perspectiva prática dos acontecimentos, Uma série produtiva que vai da pragmaticidade à factibilidade, num processo múltiplo de descontextualização de cada fato, enquanto narrativa jornalística. (HOHLFELDT, 2001, p. 209)

Não sendo imprescindível na produção de um documentário que os acontecimentos sejam factuais para serem transmitidos, ou seja, não há uma necessidade de datas específicas. Há tão somente a necessidade de que na criação do processo, os envolvidos expressem suas lembranças e opiniões de maneira livre, assim como afirma Nichols (2007). O autor também observou a importância do cinema no desenvolvimento do documentário, que segundo ele,

desencadeou espécies e diferentes formas de contar história, como: o *documentário de satisfação e desejo* e o *de representação social*.

No mesmo espectro construtivo de um audiovisual o documentário deve possuir uma ideia inicial, o planejamento, a montagem do projeto, objetivo e duração do produto. Sendo o planejamento fundamental, ele seleciona fontes, a pluralidade de material a ser utilizado no desenvolvimento de um trabalho criterioso e profundo, além de analisar os aspectos temporais disponíveis.

A pesquisa é outro fator relevante para o documentário, pois é através dela que são realizadas anotações de referências bibliográficas, script, entrevistados, rol de perguntas e equipamentos. Munido deste material prévio, montou-se uma estrutura, delimitou-se o narrador, orientando-nos nas narrativas, que foram baseadas nas entrevistas, no texto e nas opiniões colhidas.

A edição assume um papel importante na organização de todo material utilizado na elaboração do documentário, com uma finalidade específica de determinar uma cronologia lógica e compreensível ao público, utilizando-se de técnicas inerentes a esta fase da organização, como a inserção de sonoridade e música às entrevistas e locuções.

O principal objetivo do documentário radiofônico é a mensagem que se transmite para o ouvinte. Quando se especifica detalhadamente o que será tratado, o produtor consegue ter noção do que é de interesse para o ouvinte e o que será evidenciado durante o produto (MCLEISH, 2001).

Partindo desse conceito, este trabalho buscou apresentar a realidade obtida conforme a apuração dos fatos, por meio dos depoimentos conseguidos com os entrevistados.

Por isso, este trabalho tem como princípio o uso de todos esses processos, a fim de obter um resultado o mais próximo do que pedem as técnicas radiofônicas. Salienta-se que é de fundamental importância o uso das normas técnicas para o rádio.

O propósito primário de coletar e distribuir notícias e opinião é de servir ao bem-estar geral, informando pessoas e possibilitando-lhes fazer julgamentos sobre os assuntos da época. Os jornalistas que abusam do poder de seu papel profissional por motivos egoístas ou propósitos perversos são indignos dessa confiança pública. (BARBEIRO e LIMA, 2001, pg. 123).

Esse trabalho buscou fazer uma análise de como a Rádio Cultura de Sergipe se tornou um forte elemento da Igreja Católica para a promoção da sua doutrina. Seja com depoimentos de pessoas que ajudaram na criação e disseminação, seja com narrações e gravações de antigos membros da mesma. Mais ainda, conhecendo a história da Rádio que modificou o contexto da comunicação na Igreja, que passou a se relacionar, de forma mais interativa, com outros meios de comunicação.

Por fim, o uso de técnicas que aproximem o ouvinte do produto será fundamental. No caso específico, por se tratar de uma rádio, e conseqüentemente, programas que fizeram parte da sua história, a introdução de vinhetas ou chamadas tende a deixar o trabalho ainda mais completo.

A razão de se usar sons ao vivo é ajudar a criar um clima apropriado. Mais do que isso, para aqueles ouvintes que estão familiarizados com o tema, o reconhecimento de um ambiente autêntico e de ruídos específicos eleva a autoridade do programa. (MCLEISH, 2001, pg. 194).

Além disso, essa pesquisa estará se relacionando com a história de diversos personagens que construíram, transmitiram e mantiveram a história da emissora e todo o seu legado para os sergipanos. É sair em busca de uma interação com padres, bispos e leigos da Arquidiocese de Aracaju que acompanharam, de perto ou por meio das ondas sonoras, a

evolução da Cultura de Sergipe. Afinal, tudo isso só foi alcançado, porque esteve à frente uma importante instituição.

## **5. HISTÓRIA DA RÁDIO CULTURA DE SERGIPE: NOVAS POSSIBILIDADES NA COMUNICAÇÃO DO ESTADO**

A Rádio Cultura de Sergipe foi a primeira emissora radiofônica oficial da Igreja Católica no Estado. Fundada em 1959, tendo como primeiro diretor-presidente o Bispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora, a emissora foi criada como parte integrante do Projeto Movimento de Educação de Base, o MEB, que se utilizava das rádios para a transmissão de conteúdo educacional aos ouvintes, principalmente aqueles mais simples do interior sergipano. Cinco anos depois, tal programação foi extinta da emissora, por consequência da censura do governo militar, em 1964. No começo, a rádio contava com o jornalismo, o entretenimento, o esporte e os programas de cunho religioso, que eram tratados com maior prioridade pela direção da rádio.

Pelo bloqueio dos programas católicos na Rádio Liberdade AM, o bispo da Diocese de Aracaju, Dom José Vicente Távora, após uma conversa com o então Padre Luciano Duarte, decide criar um veículo próprio de comunicação para a Igreja no Estado. Inicialmente, com dois objetivos: a educação e evangelização. Depois disso, o prelado\* busca apoio e consegue a concessão da primeira emissora católica de Sergipe, sem nenhum viés político partidário, inclusive. Afinal, as demais rádios, já existentes eram formadas por organizações políticas. Assim, a Rádio, desde a sua concepção, mostrava certa diferença das outras emissoras, sobretudo, no seu papel social de informar, a priori, sem nenhuma intervenção política.

O bispo conta com colaboradores, Coronel Marques Ribeiro e Pedro Bastos, que passam a vender ações da rádio, a fim de conseguir apoio financeiro. Com isso, a emissora foi fundada como sociedade anônima. Além disso, o Padre Luciano Duarte, que passa a ser o

---

\* Título honorífico de alguns dignitários eclesiais (como, p.ex., bispos, abades, provinciais etc.).

diretor/presidente da rádio, também buscou recursos, seja com campanhas através dos fieis da sua paróquia ou com ajuda de empresários sergipanos.

Depois de ter percorrido o Estado e montado uma base firme para a chegada da emissora, Dom Távora marcou para o dia 21 de novembro de 1959 a inauguração da Rádio Cultura. Para a solenidade, se pensou um grande momento, tendo uma Santa Missa pela manhã, no anexo da emissora; já à tarde, aconteceu a inauguração, contando com a presença de um enviado do então presidente da república, Juscelino Kubitschek, o ministro e chefe de gabinete, José Sette Câmara Filho, e diversas outras autoridades políticas, bem como centenas de pessoas.

A inauguração marcava a chegada de uma emissora inovadora, seja na sua programação ou na sua ideologia. Além disso, a rádio chegou com uma modernidade ainda não existente nas demais rádios do Estado.

“A Rádio Cultura chegou com um enlace do estúdio transmissor, através de link, porque até então as rádios eram de linha física. Além disso, dois transmissores, um de 10kg e outro de 1kg. Chegou com onda média potente e onda média curta, que se ouvia a rádio até mesmo na Europa. A Cultura se constituiu como a emissora mais potente do Estado, senão do nordeste”. (Radialista Jairo Alves de Almeida, em entrevista aos autores).

A emissora só foi ao ar por um incentivo fundamental: o Movimento de Educação de Base. Dom Vicente, por ser o presidente nacional do MEB, teve neste processo inovador de educação a distância um respaldo que lhe deu a autonomia para a concessão.

O MEB foi criado após entendimentos entre o recém-eleito presidente da República, Jânio Quadros, e o arcebispo de Aracaju, D. José Távora, representando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O objetivo era desenvolver um programa de educação de base, por meio da instalação de quinze mil escolas radiofônicas com recepção organizada nas zonas rurais das áreas subdesenvolvidas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. (BAUMWORCEL, Ana. *As escolas radiofônicas do MEB* – 2008).

A intenção de Dom Távora era criar uma nova linha de alfabetização para os que mais precisavam. Para isso, visitou todas as paróquias da diocese e teve êxito na instalação dos



mecanismos para que as pessoas tivessem o acesso e pudessem escutar os programas educativos. O Movimento foi importante para a propagação da emissora, principalmente na região rural do estado, o principal foco das escolas radiofônicas, como eram também conhecidas. A Rádio Cultura foi a primeira rádio do Brasil a implantar o MEB, sendo base para dezenas de outras emissoras no país.

Com a Revolução Militar, em 1964, as Escolas Radiofônicas foram tiradas do ar, por consequência da censura imposta pelo governo.

### **5.1 A programação e os seus objetivos**

Inicialmente, a Rádio Cultura traça dois objetivos centrais: a evangelização e a educação. A evangelização, porque se tratava de uma rádio católica, então, detinha na sua grade uma programação que priorizava a atuação católica. Por isso, a maioria dos programas era de cunho religioso.

Logo na semana seguinte a inauguração, a rádio passou a transmitir a Santa Missa, direto da Igreja São Salvador, localizada no centro de Aracaju. A igreja ficava lotada por fieis que vinham da capital e do interior e fez com o que a missa se transformasse em um dos programas mais importantes da emissora. Uma das razões para o “sucesso” da celebração era o responsável pela sua condução, o capelão da Igreja, Pe. Luciano Duarte.

As homilias de Dom Luciano empolgavam a todos. Eram homilias brilhantes e iluminada pelo Espírito Santo. Assim como ele falava na Hora Católica. Todos ficavam admirados e a gente estava vendo aquilo o ele dizia. Era mais de uma hora de homilia, mas a gente não sentia, porque eram tão bonitas. (Conceição Ludovice, em entrevista aos autores).

Pe. Luciano, que depois é nomeado Arcebispo de Aracaju e passa a ser Dom Luciano, era detentor de uma oralidade até hoje lembrada pelos seus ouvintes e conhecedores do seu trabalho. Suas homilias chamava a atenção de grandes intelectuais do Estado.

A Santa Missa da Igreja São Salvador é transmitida até os dias atuais e, como se sabe, é uma tradição para a emissora. No ar há 59 anos, a Missa é frequentada por fieis desde a época de Dom Luciano.

O Arcebispo cria também outro espaço de interação com os ouvintes, o programa “A hora católica”, que trazia textos da vida do prelado, evangelho do dia e o comentário, além de uma catequese aos ouvintes. O programa passou a ser um dos mais ouvidos, pois, era a palavra do líder da arquidiocese. Por uma hora, Dom Luciano detinha o horário mais concorrido do rádio aquela época e fazia o uso do microfone, para transmitir as suas mensagens de pastor maior.

Até hoje “A hora católica” está em plena atividade, sendo conduzida no mesmo horário, ou seja, às 12h do domingo, pelo Padre Manoel Barbosa, que na época que foi convidado para o programa era o pároco da Catedral Metropolitana de Aracaju.

O programa ganhou também mais espaço. Há quase dez anos, ele se tornou diário, sendo apresentado de segunda a sexta nas manhãs da Cultura pelo Padre Genivaldo Garcia. Ambas as edições são de grande audiência dos ouvintes, que têm também a possibilidade de interagir, por ligação, com os sacerdotes.

## **5.2 O “Conversando com Dom Lessa”: a palavra do pastor**

Quando Dom José Palmeira Lessa chegou a Arquidiocese de Aracaju e caminhou ao lado de Dom Luciano como seu coadjutor, vislumbrou um espaço primordial para sua

aproximação com os fieis naquela Igreja Particular. Por isso, ganhou um espaço aos sábados pela manhã para a apresentação do seu programa.

Ainda mais interativo, Dom Lessa abria espaço para os ouvintes tirarem dúvidas e externarem comentário, que, segundo ele, “eram pertinentes para a evangelização” (Dom Lessa, em entrevista aos autores).

Sempre ao lado de algum outro sacerdote, o Arcebispo fazia a leitura do evangelho do dia, comentava-o e também exercia o seu papel de formador de opinião, falando sobre temas de importância para a sociedade.

O “Conversando com Dom Lessa” era o principal espaço para a divulgação das nomeações e transferências de sacerdotes e/ou bispo dentro ou fora da Arquidiocese. Esse era um momento importante para os fieis, pois movimentava o cenário das paróquias pertencentes à Arquidiocese. Nomeações como a de Dom Dulcênio Fontes de Matos como bispo auxiliar de Aracaju; de Dom Henrique Soares da Costa, no mesmo cargo; ou até mesmo de Dom João José Costa como Arcebispo Coadjutor de Aracaju, que depois substituiria Dom Lessa à frente deste pastoreio.

Historicamente, todos os bispos, sendo eles: Dom José Vicente Távora, Dom Luciano, Dom Lessa e Dom João, que comandaram a Arquidiocese de Aracaju, estiveram também à frente de um programa na grade da Rádio Cultura. Tais programas, portanto, mostraram e mostram primordiais como canal de divulgação e proximidade dos bispos ou padres, considerados líderes das dioceses e paróquias.

### **5.3 O esporte na Cultura**

A Rádio Cultura foi um berço de nomes que até hoje são lembrados no cenário radiofônico do Estado de Sergipe. No esporte, por exemplo, nomes como o de Carlos

Magalhães, José Antônio Marques, José Eugênio de Jesus, Wellington Elias, Aroldo Lessa, Jefferson Lopes e tantos outros marcam a história do esporte sergipano e, claro, da emissora também.

Vale ressaltar que, desde a fundação da Rádio Cultura, a programação esportiva era um dos focos, pois os seus diretores convocavam uma equipe conceituada, como já falado neste trabalho, e marcava o cenário esportivo. Seja com transmissões de todas as copas do mundo, seja com programas que faziam o maior sucesso na grade de programação.

A Equipe Campeã foi comandada por Carlos Magalhães e contou também com Gilvan Fontes e tantos outros, que marcaram a história do esporte sergipano.

Como se percebe, a Rádio Cultura era, de fato, uma emissora católica, mas buscava ter, pelo menos, no seu início, uma programação eclética e cultural de grande valia para a comunicação sergipana. Por isso, a importância de se deter a este tema.

Em 1991, chega a Rádio Cultura, a pedido de Dom Luciano, a Comunidade Católica Shalom, que veio para dirigir a rádio, que passava por certas dificuldades, inclusive, financeira. Com a chegada de uma organização estreitamente religiosa, a emissora tem sua programação inteiramente modificada, inclusive, o esporte.

Os novos diretores decidem retirar todos os patrocínios, a fim de sustentar a rádio apenas com as doações recebidas pelos fieis/ouvintes. Com isso, talvez, a rádio tenha entrado numa situação ainda mais difícil, financeiramente falando. A partir disso, a emissora começa a enxugar a sua grade, bem como seus funcionários. Depois disso, a programação esportiva passa a não ser mais custeado pela rádio.

Rosalvo Nogueira, recém chegado a emissora, foi convidado por alguns componentes e vislumbra a possibilidade da criação de uma cooperativa de radialistas, que poderia atuar, de

forma paralela na rádio. Daí nasce a primeira cooperativa de radialistas do Brasil, a Cooperase, segundo narra o primeiro coordenador, o jornalista Rosalvo Nogueira.

Inicialmente com 20 membros, a Cooperase contou com vários nomes que já estavam atuando na Cultura e continuou a conduzir os trabalhos esportivos.

Até hoje, a cooperativa está na ativa, mas em 2016, com a saída da Shalom e a chegada de uma nova administração, a Cooperase passou a não mais operar dentro da programação da Rádio. É verdade que continuam alguns membros e chegam outros novos, mas a capacidade de difusão do esporte sergipano continua a mesma.

Vale pontuar que, com o passar dos anos, os cenários também mudam e no esporte não é diferente. Por isso, a programação esportiva vem sendo conduzida também nesse conceito. Ou seja, transmitindo o que lhe é conferido e fazendo jus a missão de propagar os times sergipanos.

#### **5.4 O jornalismo na Cultura e a importância da credibilidade**

A Rádio Cultura de Sergipe também contou com um jornalismo forte desde o seu início, com uma alternativa importante de difusão de ideias e pensamentos, sempre dentro da doutrina cristã. Naquela época, como ressalta o Monsenhor Carvalho, era fundamental buscar a veracidade dos fatos.

A rádio sempre criou uma confiança. Quando eu assumi, disse: notícia só se dá, quando a gente sabe que é verdadeira. Sem saber que é verdadeira, a gente não divulga só por ouvir dizer. A pessoa fala certas coisas e vamos averiguar para que, depois, com base na verdade a gente divulgue, mas com segurança. Isso é que dá credibilidade. (Monsenhor José Carvalho de Souza, em entrevista aos autores).

O jornalismo da Rádio Cultura era de profundo respeito pela sociedade sergipana desde a sua fundação e sempre narrou os principais acontecimentos de Sergipe, como a queda

de Seixas Dória, governador da época, narrado por Gilvan Fontes, e tantos outros momentos que permanecem vivos na memória do povo sergipano.

Nomes como o de Jairo Alves de Almeida, que até hoje permanece na rádio, recordam a importância do jornalismo para a rádio Cultura. Jairo, que já fazia sucesso em outra emissora, começou como noticiarista Cultura e foi âncora de jornais, apresentador de programas musicais e, há mais de 25 anos, é o diretor de jornalismo da emissora. Ao lado de Ceiza Dias e Rozendo Aragão, Jairo Alves de Almeida recorda que a rádio até hoje segue os princípios que tem desde a sua fundação.

Considerado o editorial da Rádio Cultura, o programa Nossa Opinião começou sendo apresentado por Raymundo Luiz. Sempre contundente nas colocações, ele trazia uma opinião acerca de algum tema relevante da semana ou daquele dia, sendo escrito por algum intelectual, formador de opinião ou especialista do assunto. Um deles, era o próprio Dom Luciano. Além dele, diretores da rádio, advogados ou médicos expressavam seus argumentos referentes a um assunto específico.

O Nossa Opinião era respeitado pela crítica e pela classe política do estado, primeiro por serem argumentos que estavam dentro da relevância do assunto e da consistência do que se pensava a maiores, depois pela grande audiência que tinha. Além disso, os ouvintes seguiam o que era falado no programa, gerando ainda mais “temor” a alguns chefes do executivo ou parlamentares.

### **5.5 Uma história que segue formando gerações**

A história da Rádio Cultura de Sergipe se confunde com as transformações e avanços que a Igreja Católica passou em Sergipe, bem como o nível de educação da população. Sem

contar os cenários do esporte e do jornalismo. Sem dúvidas, a emissora formou opiniões nesses longos 59 anos, celebrados no último dia 21 de novembro.

A beira de se tornar sexagenária, a Rádio Cultura vislumbra ainda a sua importância na propagação da fé, onde até hoje é o principal veículo de promoção da Igreja Católica no Estado. Vê também sua relevância na informação que é passada para os seus milhares de ouvintes, espalhados não só em Sergipe, mas em quase todo o nordeste. Uma emissora que, mesmo pequena e a par de poderes políticos, se mantém intensamente firme na missão de cumprir a missão de informar, educar e evangelizar.

## 6. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida em fases. A primeira pautou-se na formulação de ideias e criação de um roteiro ao qual foi posto em prática pela coleta de dados, usando-se de entrevistas e pesquisas. A segunda embasou-se na análise de material coletado, da transcrição de entrevistas, de pesquisas das trilhas sonoras e na construção de offs, filtrando os principais aspectos na construção do radiodocumentário. A terceira constituiu-se nas gravações em estúdio e em suas edições, ambas foram desenvolvidas na Universidade Tiradentes, sob a supervisão da professora Juliana Almeida e da técnica de Alysson Lima.

No desenvolvimento deste documentário, foram realizadas entrevistas com jornalistas, radialistas, autoridades religiosas e personalidades sergipanas que compuseram o material de trabalho e fundamentaram o produto radiofônico de gênero documentário, onde os áudios, as trilhas sonoras e off's alicerçaram substancialmente a construção deste projeto, permitindo o produto final idealizado, podendo vir inclusive a ser de grande relevância sob o contexto de preservação histórica, devida a tratativa temática deste documentário.

“Na mídia radiofônica, tudo são vozes ou estão a serviço delas, o que significa que também os relatos oriundos das entrevistas são vitais e essenciais para a composição do texto radiofônico, não só quando se trata do gênero documentário como também e, principalmente, quando se trata dele” (JOSÉ, 2013, p. 3).

O levantamento de dados foi realizado em Sergipe no transcorrer de 2018 a partir de escuta de programas de rádio, de pesquisa bibliográfica sobre rádio, de radiodocumentário, e, principalmente, de relatos orais e entrevistas dos profissionais que atuam e ou atuaram em rádio no Estado. Portanto, a utilização do método de “história oral” foi necessária, pois este trabalho se baseou principalmente na coleta de informações, a partir de fontes humanas.



Segundo Meihy (2005), diretrizes são fundamentais para que o registro da história oral ocorra de forma eficiente, de modo que sua credibilidade esteja assegurada, afirmando que: “consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos” (MEIHY, 2005, p. 17).

Além disso, Meihy (2005) enfatiza que a memória, a imaginação, a representação e as estratégias, são bases importantes para sustentar as narrativas que aborem tanto o passado, quanto o presente.

“O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces” (MEIHY, 2005, p. 61).

A memória dos que vivenciaram o rádio, sua história e as relações estabelecidas com o veículo de comunicação, tornou-se imprescindível a este projeto, ao qual norteou à fundamentação teórica, mostrando à importância das emoções e vivências sociais de indivíduos, recordado a luz da experiência, ante as necessidades do presente.

#### Pré-produção:

A metodologia de história oral embasou a coleta de dados da pesquisa para a construção deste radiodocumentário, buscando fontes orais primárias e secundárias que viessem a gerar depoimentos vivenciados e verídicos de pessoas que direta ou indiretamente conviveram com a história do rádio em Sergipe, principalmente, da Rádio Cultura, permeando assim a gravação em dispositivo digital de áudio, sendo posteriormente cruzados e analisados com a realidade atual, possibilitando um crivo analítico da dinâmica existente na transição temporal do rádio como meio de comunicação, seja sob o perfil de ouvinte ou radialista.

Produção:

As entrevistas foram pautadas com um perfil investigativo, a fim de extrair de maneira mais profícua possível as informações necessárias que fundamentasse as memórias relacionadas à história do rádio sergipano e da Cultura 670, em questão.

Medina (2008), no livro “Entrevista: o diálogo possível”, afirma que: “A entrevista, em suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (MEDINA, 2008, p. 8). Já para Minayo (2002) ao referir-se sobre entrevista, indica uma necessidade perceptiva do propósito objetivado, decorrendo a irrefutável necessidade da comunicação verbal e da coleta das informações.

Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores (...). Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. (MINAYO, 2002, p. 57).

Com uma percepção mais voltada a atenção disponibilizada às respostas, Caputo (2006) enfatiza a indispensabilidade de ouvir atenciosamente o conteúdo proferido pelos entrevistados, de maneira qual se alcance um diálogo autêntico, num desdobramento espontâneo da história retratada, mesmo que forçosamente sejamos moldados por um roteiro.

[...] penso que a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e

também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduo (CAPUTO, 2006, p. 28).

Apesar de parâmetros previamente estabelecidos nos quais questionários com perguntas definidas foram formuladas, vale ressaltar que em decorrência das dinâmicas e imprevisibilidades, as entrevistas ocorreram de maneira fluída e natural, permitindo aos entrevistados estarem confortáveis a narrar suas experiências.

O Documentário Radiofônico, por meio das entrevistas, buscou resumir, de forma autêntica e parcial, a história da Rádio Cultura de Sergipe. Por isso, foi feita uma profunda análise dos entrevistados, a modo que cada área específica da emissora pudesse ser contemplada. Neste caso, o jornalismo, o esporte, a evangelização e a história da rádio. Neste mesmo processo, foi de fundamental importância trazer nomes que marcaram a história da emissora e puderam transmitir suas experiências, poucas ou muitas, e valorizar ainda mais este trabalho.

Após a análise da história e pesquisa bibliográfica, bem como visitas in loco a emissora, os entrevistados escolhidos para o Rádiodocumentário “Rádio Cultura e a propagação da fé” foram os seguintes:

- Dom José Palmeira Lessa – Arcebispo Emérito de Aracaju;
- Monsenhor Carvalho – Sacerdote diocesano e ex-diretor da rádio;
- Pe. Manoel Barbosa – Sacerdote diocesano e apresentador do programa A Hora Católica;
- Jairo Alves de Almeida – Jornalista e radialista;
- Gilvan Fontes – Jornalista e radialista;
- Rosalvo Nogueira – Jornalista radialista;
- Conceição Ludovice – professora e amiga de Dom Luciano;

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideologia e desenvolvimento do tema foram pautados sob as particularidades históricas, culturais e criativas do radiodocumentário, objetivando detalhar os aspectos que abrangem sua formação, desde as expressões humanas envolvidas às características técnicas empregadas, no intuito de retratar realidades vivenciadas e que pudessem ser absorvidas pelos ouvintes com a veracidade e imersão aos fatos ocorridos, despertando-lhes sensações e emoções que os levassem ao local e situação descrita pelos áudios.

Este trabalho reafirma a importância social, cultural, histórica e científica em que a produção de um radiodocumentário teve, tem e terá na construção de ideias e opiniões relevantes a um indivíduo e ou sociedade, pois assume assim, papel fomentador do conhecimento que alicerce questionamentos importantes ao desenvolvimento intelectual de gerações, despertando em si o sentimento do conhecer e informar-se sobre as adversidades e pluralidades existentes na vivência humana.

Na busca de um entendimento sobre os diversos aspectos que envolvem a criação de um radiodocumentário, bem como os *feedbacks* dos ouvintes e os registros de pertinência histórica, se executaram metodologias relacionadas a levantamento de dados que incluiu entrevistas, pesquisas a trilhas sonoras e construções técnicas, onde posteriormente realizaram-se gravações e edições no intuito de experienciar todos os conceitos relacionados à elaboração de um radiodocumentário.

As tratativas propostas foram atingidas, ratificando a importância do rádio e de sua vertente jornalística aqui defendida, onde relatos bibliográficos, depoimentos orais e experiências retratadas por profissionais que atuaram e atuam em rádios, pautou a técnica metodológica de “história oral”, sendo desta feita, uma comprovação à memória dos que

vivenciaram o rádio, sua história e as relações estabelecidas com o veículo de comunicação, fundamentadas na importância das emoções e vivências sociais de cada indivíduo.

O levantamento criterioso das informações acerca do radiodocumentário através das histórias orais possibilitou uma análise pretérita aos dias atuais, trazendo-nos um retrato temporal do rádio como meio de comunicação, seja sob a perspectiva do ouvinte ou radialista. A junção de técnicas propiciou um perfil investigativo que viabilizou a extração de conteúdos fundamentais relacionados à memória da história do rádio sergipano, constatando sobremaneira a necessidade da comunicação verbal e da coleta das informações.

Com os levantamentos dos dados provenientes de testemunhos de importantes personagens do cenário da comunicação e do próprio veículo de comunicação, verificou-se a relevância do objeto de estudo para a comunicação no estado, especificamente. Afinal, ele até hoje representa um dos principais canais de difusão de ideias, pensamentos e opiniões acerca de importantes assuntos que permeiam a sociedade.

No que tange a evangelização, especificamente, entende-se que, por mais desvalorizada que seja, o objeto de estudo se mantém firme na concepção de valores e doutrinários da Igreja Católica e por assim dizer, da Arquidiocese de Aracaju. Portanto, a emissora é constatada como um viés primordial para a instituição religiosa no que se diz respeito a propagação da fé e dos princípios cristãos.

Objetivar um estudo sobre um dos principais canais de comunicação do estado, que há 59 anos busca transmitir assuntos e temas relevantes à sociedade e que tem por trás uma importante instituição, foi e precisará ser importante para os avanços comunicacionais deste estado, em particular. Por isso, esse trabalho, além de ser fundamental para se conhecer a história de um dos meios de comunicação mais importantes da humanidade, em especial, no menor estado brasileiro, onde assumiu um papel imprescindível no desenvolvimento da

comunicação social. Além disso, este trabalho é uma análise história, institucional, jornalística, esportiva e conceitua a consistência do passado e do presente, vivido pela emissora.

## REFERÊNCIAS

**BARBOSA FILHO**, André. **Gêneros Radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

**BALSEBRE**, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327-336.

**BAUMWORCEL**, Ana. *As escolas radiofônicas do MEB*. 2008.  
<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1>>.  
(Acesso em: 25.10.2018).

**BELTRÃO**, Luiz. Jornalismo pela televisão e pelo rádio: perspectivas. In: **Revista da escola de comunicações culturais**, USP, vol.1, nº1, 1968.

**BRECHT**, Bertold. Teoria do Rádio (1927 – 1932). In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005. p. 35-46.

**CAPUTO**, S. G. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 204p.

**CHANTLER**, PAUL e **STEWART**, Peter. **Fundamentos do radiojornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.

**FILHO**, André Barbosa. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

**HOHLFEDT**, A.C. **Teorias da comunicação conceitos e pendências**. 13º Edição, editora Vozes, 2001.

**MCLEISH**, Robert. **Produção de Rádio**: Um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo. Summus, 2001.

**MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro/São Paulo: ABRASCO/HUCITEC, 1992.

**MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

**NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário.** Papiru, 2007.

**PUNTEL, Joana T. Tradução de Floriano Tescarolo; A Igreja e a democratização da comunicação.** 1994. São Paulo: Paulinas;

**PUNTEL, Joana T. Cultura midiática e Igreja:** uma nova ambiência. 2008. São Paulo: Paulinas;

**SOLON, Daniel Vasconcelos. Igreja e comunicação:** a imprensa católica, o Rádio e o Cinema em meados dos anos 50. Disponível em: <<http://www.uespi.br/prop/siteantigo>>



## APÊNDICE A

### ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO

TÉCNICA	SOM RÁDIO CHIANDO / SINTONIZANDO SOB SOM: ORQUESTA MONTOVANI
LOC 1.	O RÁDIO MARCOU GERAÇÕES / E ATÉ HOJE TEM UM GRANDE PAPEL SOCIAL //
LOC 2.	FALAR DO RÁDIO EM SERGIPE É RECORDAR GRANDES MARCOS QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DO POVO SERGIPANO //
TÉCNICA	SOB SOM: ORQUESTA MONTOVANI
LOC 1	NA DÉCADA DE CINQUENTA / EXISTIAM TRÊS RÁDIOS NO ESTADO // A DIFUSORA / A JORNAL DE SERGIPE E A LIBERDADE// TODAS LIGADAS A ALGUM PODER POLÍTICO//
LOC 2	A RÁDIO LIBERDADE CEDIA UM ESPAÇO PARA A DIOCESE DE ARACAJU / PARA QUE PUDESSE TRANSMITIR SUAS MENSAGENS CRISTÃS // APÓS O ENCERRAMENTO DA PARCERIA ENTRE A RÁDIO E A IGREJA / O ENTÃO BISPO / DOM JOSÉ VICENTE TÁVORA / DECIDE CRIAR UMA RÁDIO //
LOC 1	É ASSIM QUE NASCE / EM VINTE E UM DE NOVEMBRO DE MIL NOVECENTO E CINQUENTA E NOVE / A RÁDIO CULTURA DE SERGIPE // ZYM VINTE E DOIS ///
TÉCNICA	VINHETA   RÁDIO CULTURA
LOC 1	DOM TÁVORA USA DO SEU PRESTÍGIO E TRAZ A IDEIA DA RÁDIO // QUEM RECORDA É UM DOS PRIMEIROS ADMINISTRADORES DA EMISSORA / O MONSENHOR JOSÉ CARVALHO DE SOUZA ///

SONORA 1	D.I.: “Dom Távora...” 14’34” D.F.: “para alfabetizar adultos” 14’58”
LOC 2	A INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA RÁDIO OFICIAL DA IGREJA CATÓLICA NO ESTADO DE SERGIPE / FOI UM MARCO NA HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO // DONA CONCEIÇÃO LUDUVICE PARTICIPOU DA SOLENIDADE E RECORDA A IMPORTÂNCIA DAQUELE DIA //
SONORA 2	“COMO AUTORIDADE VEIO O MINISTRO...” - 0’51” “E A TARDE FOI A INAUGURAÇÃO” - 01’09”
TÉCNICA	VINHETA   RÁDIO CULTURA
LOC 2	O MEB FOI O PRINCIPAL VIÉS PARA SE CONSEGUIR A CONCESSÃO DA RÁDIO /
LOC 1	O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE FOI A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/ DAS RÁDIOS CATÓLICAS DE TODO O PAÍS // O JORNALISTA JAIRO ALVES DE ALMEIDA EXPLICA COMO FUNCIONAVA A PROGRAMAÇÃO //
SONORA 3	“O MEB DISTRIBUIA NO INTERIOR” - 04’03” “NO PROGRAMA RADIOFÔNICO” – 04’38”
LOC 2	COM A REVOLUÇÃO MILITAR EM E A CENSURA AOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO / EM MIL NOVECENTOS E SESSENTA E QUATRO / AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS FORAM ENCERRADAS // O MOVIMENTO DUROU APENAS CINCO ANOS //
TÉCNICA	VINHETA   RÁDIO CULTURA
LOC 1	A RÁDIO CULTURA DE SERGIPE COMEÇOU TAMBÉM PIONEIRA // ELA TROUXE UMA MODERNIDADE QUE AS DEMAIS RÁDIOS NÃO TINHAM // JAIRO ALVES TRAZ MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O INÍCIO DA RÁDIO //
SONORA 4	“A rádio Cultura chegou moderna...” - 02’17” “Na mais potente emissora...” - 02’48”

TÉCNICA	VINHETA   RÁDIO CULTURA
LOC 2	ALÉM DISSO / A CULTURA DE SERGIPE TAMBÉM IMPLANTOU UM NOVO JEITO DE SE FAZER RÁDIO // PELA PRIMEIRA VEZ / SE VIA UM RADIALISTA NAS RUAS / FAZENDO TRANSMISSÃO OU REPORTAGEM /// JAIRO ALVES RECORDA O PIONEIRISMO ///
SONORA 5	“E chegou também com onda curta...” – 02’52” “E foi a primeira a viver 24 horas no ar...” – 03’13”
TÉCNICA	CORTINA ARQUIVO: VH - LIDERANÇA ABSOLUTA
LOC 1.	ALENCAR FILHO / SODRÉ JUNIOR / RAIMUNDO ALMEIDA / OSCAR MACEDO FILHO E OUTROS NOMES DEIXARAM UM RASTRO NA HISTÓRIA DA RÁDIO //
LOC 2	A RÁDIO FOI REUNINDO OS MAIS FAMOSOS COMUNICADORES DO ESTADO// UM DELES / FOI O ENTÃO APRESENTADOR DO PROGRAMA “OS BROTOS COMANDAM” // JAIRO ALVES DE ALMEIDA ERA UM DOS MAIS CONHECIDOS LOCUTORES DA RÁDIO JORNAL/ E FOI CONVIDADO PARA SER O MAIS NOVO INTEGRANTE DA EQUIPE DA RÁDIO CULTURA //
TÉCNICA	VINHETA   APRESENTAÇÃO JAIRO
SONORA 6	“O profissional que se destacasse...” 17” “um programa de música...” 34”  - “Depois de quatro meses...” 54” - “Para que minha voz se adaptasse as outras vozes que estavam falando na Rádio Cultura” 1’20”
LOC 2.	JAIRO FOI SE CONSOLIDANDO NA EMISSORA / E PASSA A FAZER PARTE DO JORNALISMO DA RÁDIO CULTURA //
SONORA 7	“OLHA, EU ENTRO PORQUE”... 2’12” “E COLOCOU APENAS UMA OUTRA DUPLA” 2’47”

TÉCNICA	SOB SOM  TRILHA DO ESPORTE
LOC 1	HOJE ELE É UM DOS PRINCIPAIS ÂNCORAS DO JORNALISMO SERGIPANO / MAS DESDE MUITO JOVEM TAMBÉM ATUA NA CULTURA // GILVAN FONTES TEM UMA LONGA HISTÓRIA DE APRENDIZADO NA EMISSORA QUE O PROPAGOU / ESTANDO NELA DESDE 1963 ///
SONORA 8	“Comecei na rádio cultura” 1’31” “Daí fiquei até hoje” 1’39”
LOC 1	ALGUNS ANOS DEPOIS / GILVAN PASSA A COMPOR TAMBÉM O JORNALISMO DA RÁDIO / NARRANDO E VIVENCIANDO MOMENTOS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DE SERGIPE // É O QUE ELE LEMBRA ///
SONORA 9	“Eu narrei a queda de Seixas Dória” 12’33” “Até hoje eu guardo isso...” 13’26”
TÉCNICA	Trilha Violão 2
LOC 2	COBRINDO DIVERSOS TEMPOS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DE SERGIPE/ O JORNALISMO É ATÉ HOJE UM DOS CARROS CHEFES DA RÁDIO CULTURA //
LOC 1	SEGUNDO O MOSENHOR CARVALHO / NA EMISSORA SE INSTAUROU UM JORNALISMO DE CREDIBILIDADE //
SONORA 10	“A rádio sempre criou...” 33’40” “Isso é que dá credibilidade” 34’19”
LOC 1	UM DOS PRINCIPAIS PROGRAMAS QUE A RÁDIO CULTURA TRAZIA NA SUA GRADE DE PROGRAMAÇÃO ERA O FAMOSO/ E POR VEZES TEMIDO///
TÉCNICA	VH – NOSSA OPINIÃO
LOC 2	APRESENTADO POR RAYMUNDO LUIS / O PROGRAMA TRAZIA UM TEMA EM ESPECIAL / DESTACANDO A

	REALIDADE ATUAL DO ESTADO/ OU ALGUM ASSUNTO IMPORTANTE QUE MEREZIA DESTAQUE NAQUELA SEMANA/ RELEMBRA RAYMUNDO LUIS
SONORA 11	“EU FUI O PRIMEIRO APRESENTADOR” 9’33” “ESTA É A NOSSA OPINIÃO” 10’01”
TÉCNICA	VH – NOSSA OPINIÃO
LOC 1	O NOSSA OPINIÃO ERA TÃO IMPORTANTE / QUE INFLUENCIAVA ATÉ MESMO O CENÁRIO POLÍTICO DO ESTADO / DESTACA JAIRO ALVES ///
SONORA 12	“A opinião do Nossa Opinião era seguida”... 7’29” “Uma crítica feita no Nossa Opinião”... 7’40” 7’26”
TECNICA	CORTINA Arquivo: Futebol Com A Gente - Esportes Zarife  GRITO DE GOL DE JOSÉ ANTÔNIO MARQUES
LOC 1	?QUEM NUNCA OUVIU UM GRITO DE GOLÃO DE UM DOS MAIORES NARRADORES ESPORTIVOS DO NORDESTE / JOSÉ ANTÔNIO MARQUES ?// OU JÁ NÃO VIBROU COM OS GOL’S NARRADOS POR CARLOS MAGALHÃES OU O “MAGÁ” //
TECNICA	CORTINA Arquivo: UM GOLÃO DE AUDIÊNCIA
LOC 2	A RÁDIO CULTURA INOVOU TAMBÉM NO SEU ESPORTE // CONSIDERADO POR MUITOS DA ÉPOCA O MELHOR DO NORDESTE / A EMISSORA DETINHA OS MAIORES NOMES DO RÁDIO ESPORTIVO DO ESTADO DESDE O SEU INÍCIO / DESTACA O RADIALISTA E JORNALISTA / GILVAN FONTES ///
	“Carlos Magalhães comandava o esporte” 4’17

SONORA 13	“Muitos já se foram”... 4’41
LOC 2	CARLOS MAGALHÃES COMANDOU A EQUIPE CAMPEÃ E ESTEVE A FRENTE DE UM PROJETO QUE ELEVOU A RÁDIO CULTURA A UM DESTAQUE NACIONAL // JAIRO ALVES RECORDA DO AUGO DO ESPORTE NA CULTURA //
SONORA 14	“A única emissora do Brasil a cobrir...” 1’48” “Então, a rádio fez história...” 2’01”
LOC 1	GILVAN FONTES TAMBÉM COMPÔS A EQUIPE DE ESPORTES DA RÁDIO CULTURA AO LADO DE WELLIGTON ELIAS / JOSÉ EUGÊNIO DE JESUS / AROLDO LESSA / JEFERSON LOPES / GILSON ROLEMBERG E TANTOU OUTROS // E LEMBRA O TEMPO EM QUE COORDENOU A EQUIPE //
SONORA 15	“E CARLOS MAGALHÃES ME CONVIDOU PARA SER O COORDENADOR DA EQUIPE...” - 4’42”  “E FEZ O MAIOR SUCESSO NAQUELA ÉPOCA
TECNICA	SOB SOM TRILHA CALMA 06
LOC 1	A COMUNIDADE SHALOM CHEGOU EM 1991 E DIRIGIU A RÁDIO ATÉ 2016 // COM A NOVA DIREÇÃO / A PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO FOI TOTALMENTE MODIFICADA //
LOC 2	COMO A EMISSORA NÃO PODIA MANTER A EQUIPE DE ESPORTES / FOI CRIADA A COOPERASE / A PRIMEIRA COOPERATIVA DE RADIALISTAS DO PAÍS // ROSALVO NOGUEIRA FALA UM POUCO MAIS DA CRIAÇÃO DA COOPERATIVA ///
SONORA 16	-“Tinha uma equipe de esportes ainda...” 25” “Foi quando eu cheguei como voluntário...” 34”

	- E como eu era do esporte”... 1’18” “A primeira cooperativa de radialistas do país” 2’26
LOC 1	ATÉ HOJE A COOPERATIVA ESTÁ EM ATIVIDADE / MAS EM 2016 / DEIXOU DE FAZER PARTE DO QUADRO DE ESPORTES DA RÁDIO CULTURA //
TÉCNICA	CORTINA ARQUIVO: VH GLÓRIA AO PAI
LOC 1.	A RÁDIO CULTURA SEMPRE FOI O PRINCIPAL VEÍCULO DE EVANGELIZAÇÃO PARA A ARQUIDIOCESE DE ARACAJU //
LOC 2.	AS PRINCIPAIS NOTÍCIAS DA ARQUIDIOCESE ERAM PASSADAS POR MEIO DA RÁDIO CULTURA // SEGUNDO JAIRO ALVES / DOM LUCIANO AFIRMAVA/ QUE A CULTURA VALIA POR UM CLERO INTEIRO //
SONORA 17	“A necessidade de ter uma rádio...” 1’15” “Pela escassez de sacerdotes...” 1’33”
LOC1	MESMO COM UM PROGRAMAÇÃO ECLÉTICA / A RÁDIO CULTURA SEMPRE PRIORIZOU OS PROGRAMAS CATÓLICOS //
LOC 2	A MISSA DA IGREJA SÃO SALVADOR SE TORNOU UM MARCO DA RÁDIO CULTURA // INICIALMENTE / CELEBRADA POR DOM LUCIANO / E ATRAIU CENTENAS DE PESSOAS PARA A PEQUENA IGREJA / LOCALIZADA NO CENTRO DE ARACAJU //
LOC 1	DONA CONCEIÇÃO LUDUVICE / COORDENA A IGREJA SÃO SALVADOR HÁ MAIS DE 40 ANOS / E ACOMPANHOU DE PERTO A PRIMEIRA MISSA TRANSMITIDA PELA RÁDIO //
SONORA 18 SONORA 18	“E a partir do domingo após a inauguração da rádio...” 1’28” “As homilias de Dom Luciano empolgava a todos...” 2’15
LOC 1	SENDO O PROGRAMA MAIS ANTIGO DA RÁDIO / ATÉ HOJE NO AR / A MISSA DA IGREJA SÃO SALVADOR É CONSIDERADA UM PATRIMÔNIO PARA A RÁDIO CULTURA

	//
TECNICA	SOB SOM  Arquivo: Bg - Missa Arqui - São Salvador
LOC 2	ALÉM DE DIRETOR/PRESIDENTE DA EMISSORA POR MUITO TEMPO / DOM LUCIANO CABRAL DUARTE ESTEVE A FRENTE DE UM DOS PROGRAMAS MAIS IMPORTANTES PARA A RÁDIO CULTURA NAQUELA ÉPOCA /
LOC 1'	A HORA CATÓLICA / ERA O ESPAÇO DO ARCEBISPO / ONDE SE USAVA DE UM MOMENTO PARA SE DIRIGIR AO SEUS FIEIS // DONA CONCEIÇÃO LUDUVICE / RECORDA DO SENTIMENTO AO OUVIR O PROGRAMA ///
SONORA 19	“Ele falava uma hora na “Hora católica” ... 1’02” “ Uma cultura”... 1’22”  - “Eu tenho mesmo uma Hora católica que ele falou do meu pai, quando meu pai morreu”... 2’08”
DRAMATIZAÇÃO	“MEUS CAROS OUVINTES, BOA NOITE! EU OCUPO ESTE MICROFONE NESTE MOMENTO PARA REGISTRAR UM FATO QUE TOCA A TODOS NÓS, CATÓLICOS DE SERGIPE E, AO MESMO TEMPO, FAZER A SEU RESPEITO UM BREVE E SIMPLES COMENTÁRIO...
LOC 2	A APRESENTAÇÃO FICAVA POR CONTA DO PRÓPRIO ARCEBISPO / OUTRAS / ERAM PESSOAS DESIGNADAS POR ELE // É O QUE RECORDA A JAIRO ALVES //
SONORA 20	“Cada dia uma pessoa fazia...” 5’09” “Dom Luciano trouxe esse pessoal para a rádio pra fazer a hora católica, estudantes e professores da UFS...” 5’34”
LOC 2	A HORA CATÓLICA VIROU TRADIÇÃO DA EMISSORA / E ATÉ HOJE / TEM GRANDE IMPORTÂNCIA PARA A



	PROPAGAÇÃO DA FÉ CATÓLICA //
LOC 1	ATUALMENTE / É APRESENTADO PELO PADRE GENIVALDO GARCIA // E AO DOMINGOS / MEIO-DIA / APRESENTADO PELO PADRE MANOEL BARBOSA / QUE SUBSTITUIU O ATÉ ENTÃO BISPO AUXILIAR DE ARACAJU / DOM HENRIQUE SOARES ///
SONORA 21	“Fiquei temeroso...” 2’38” “de servir nesse momento tão importante e significativo...” 3’22”
LOC 1	PADRE MANOEL DESTACA A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA NA EVANGELIZAÇÃO //
SONORA 22	“E vejo que é de uma importância” 6’50” “uma formação na palavra de Deus” 7’15
LOC 2	DOM LESSA ACOMPANHOU UMA CERTA PARTE DO PROGRAMA A HORA CATÓLICA / AINDA QUANDO ERA COADJUTOR NA ARQUIDIOCESE / E RECORDA A IMPORTÂNCIA DE DOM LUCIANO PARA A PROMOÇÃO DA RÁDIO //
SONORA 23	“Dom Luciano era um intelectual...” 5’28” “A luz de uma visão cristã”... 5’58
LOC 1	COMO ARCEBISPO / DOM LESSA TEVE O SEU ESPAÇO NA RÁDIO CULTURA //
LOC 2	POR MAIS DE QUINZE ANOS / COMANDOU O PROGRAMA “CONVERSANDO COM DOM LESSA” QUE IA AO AR TODOS OS SÁBADOS //
LOC 1	DOM LESSA LEMBRA QUE AQUELE ERA UM ESPAÇO DE CATEQUESE / PROXIMIDADE E EVANGELIZAÇÃO //
SONORA 24	“A gente procurava a vida da Igreja...” 15’38

	<p>“Procurava os fatos da igreja” 15’42”</p> <p>- “Agora essas questões, como notícia para o povo...” 16’05</p> <p>“E era por aí...” 16’18</p>
LOC 2	NOMEAÇÕES / TRANSFERÊNCIA DE SACERDOTES / E TANTOS OUTROS ASSUNTOS QUE CHAMAVAM A ATENÇÃO DOS OUVINTES / FAZIAM PARTE DO ROTEIRO DO PROGRAMA//
LOC 1	A OBRA EVANGELIZADORA DA RÁDIO CULTURA FOI UM SUPORTE A TODO O TRABALHO QUE EXISTE NA ARQUIDIOCESE / AFIRMA DOM LESSA //
SONORA 25	- “A Rádio Cultura é aquele instrumento que de Deus”... 17’14” “Mas as vezes não estão despertados” 17’41”
TÉCNICA	SOB SOM TRILHA GREGORIANOS 03
LOC 1	É PERCEPTÍVEL COMO A RÁDIO CULTURA DE SERGIPE FOI E CONTINUA SENDO IMPORTANTE PARA A PROPAGAÇÃO DA FÉ E DOS PRINCÍPIOS CATÓLICOS // É O QUE APONTA JAIRO ALVES //
SONORA 26	“Então, graças a Deus, Dom Lessa...” 6’28” “E levar educação para o povo sergipano...” 7’00
LOC 2	PARA O PADRE MANOEL BARBOSA / É HORA DE DAR AINDA MAIS INCENTIVO E APOIO A RÁDIO CULTURA / QUE SOBREVIVE TAMBÉM COM AJUDA DOS SEUS SÓCIOS //
	“Vamos cada vez mais prestigiar...” 11’23 “A espiritualidade ao povo de Deus para todos” 11’47”
LOC 1	PARA O MONSENHOR CARVALHO / O FUTURO DA RÁDIO É SEGUIR COMO COMEÇOU // TENDO COMO BASE OS PRINCÍPIOS ADOTADOS DESDE A SUA FUNDAÇÃO ///
	“A rádio cultura sempre foi uma emissora de rádio que desde a fundação mereceu o respeito da nossa comunidade”15’39’

	“Na fé, na justiça e na verdade...”16’12”
TÉCNICA	VH – RÁDIO CULTURA
LOC 2	GILVAN FONTES ATÉ HOJE ESTÁ NA RÁDIO CULTURA E É O VOZ PADRÃO DA EMISSORA // DEPOIS DE TER ACOMPANHADO O SEU INÍCIO / E TER VIVIDO NA CULTURA BONS MOMENTOS DA SUA VIDA / SABE QUE A RÁDIO ESTARÁ SEMPRE COMPONDO A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO EM SERGIPE//
TÉCNICA	VH – RÁDIO CULTURA
SONORA 27	“A rádio cultura era e continua sendo o sonho de todo jornalista, radialista brasileiro”... 9’06”
TÉCNICA	VH – RÁDIO CULTURA
SONORA 28	“Então, a Rádio Cultura sempre foi líder e vai continuar sendo líder...” 7’33  “Pelo menos na moral e nos bons costumes preconizados”... 7’41”  Sonora - Jairo Alves de Almeida - 1
LOC 2	A HISTÓRIA DE QUASE 60 ANOS DA EMISSORA MAIS CATÓLICA DO ESTADO / DAQUELA QUE CRIOU E APRESENTOU GRANDES TALENTOS // AQUELA QUE ELEVOU O NIVEL DO RADIOJORNALISMO / DO ESPORTE / DA EVANGELIZAÇÃO E DO RESPEITO AO MEIO DE COMUNICAÇÃO MAIS AMADO DO MUNDO//
TÉCNICA	SOB SOM ORQUESTA MONTOVANI
LOC 1	ALÉM DE CONTINUAR A EMBALAR COM SUAS MÚSICAS / INFORMAR COM SEU CONTEÚDO DE CREDIBILIDADE / DE

	EVANGELIZAR COM SEU PAPEL TRANSFORMADOR / A RÁDIO CULTURA VAI CONTINUAR NO CORAÇÃO E NA MEMÓRIA DO POVO SERGIPANO //
TECNICA	SOB SOM – VINHETA RÁDIO CULTURA ARQUIVO: PREFIXO RÁDIO CULTURA
LOC 1	ESTE É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE TIRADENTES / COM A AUTORIA DOS ALUNOS MARCOS SIMÕES E CINTHIA MENEZES / COM A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA JULIANA ALMEIDA E EDIÇÃO DE ALYSSON LIMA//

## APÊNDICE B

### PRÉ-PROJETO

#### SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>TEMA .....</b>	<b>04</b>
	1.1. Delimitação do Tema .....	04
<b>2.</b>	<b>OBJETIVOS DA PESQUISA</b>	
	2.1. Objetivo Geral .....	05
	2.2. Objetivos Específicos .....	05

2.3. Problema.....	06
3. <b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
4. <b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>13</b>
5. <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>15</b>
6. <b>CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>17</b>
7. <b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>18</b>

## **1 TEMA**

### **A PROPAGAÇÃO DA FÉ CATÓLICA:**

### **A RÁDIO CULTURA DE SERGIPE COMO MEIO DE EVANGELIZAÇÃO**

#### 1.1 Delimitação do tema

Analisar a importância da Rádio Cultura de Sergipe, veículo oficial da Igreja Católica, como canal de evangelização na Arquidiocese de Aracaju.

## **2 OBJETIVOS DA PESQUISA**

### 3.1 Objetivo Geral

Elaborar um documentário radiofônico sobre o papel da Rádio Cultura de Sergipe como elemento de evangelização e propagação da fé católica.

### 3.2 Objetivos Específicos

- Analisar o papel mediador da Rádio Cultura na transmissão dos princípios religiosos do catolicismo;

- Compreender o papel do veículo na propagação da fé católica;

- Destacar o papel da Arquidiocese de Aracaju na promoção da Rádio Cultura;

- Analisar a relação da Igreja e a comunicação;

- Usar como base a linguagem radiojornalística na elaboração do produto;

- Planejar o documentário radiofônico sobre o papel da Rádio Cultura de Sergipe.

## PROBLEMA

A Rádio Cultura de Sergipe se apresenta como um importante canal de propagação da fé católica no Estado de Sergipe. Como a atuação do veículo tem possibilitado a evangelização dos seus ouvintes?

## INTRODUÇÃO

A Igreja Católica, na sua história, esteve sempre ligada aos meios de comunicação. Basta se deparar com a evolução da humanidade, no que tange a comunicação dos homens, ou até mesmo analisando as formas com o que a Igreja, na sua magnitude, tem se utilizado dos meios para promover os seus princípios. Tais princípios formaram gerações ao longo dos seus milhares de anos. Peter Burke (2002) retrata essa estratégia da Igreja em se utilizar dos meios para a promoção das crenças.

Imagens, especialmente estátuas, eram outra importante forma de comunicação e mesmo de propaganda no mundo antigo, sobretudo em Roma na era de Augusto. Essa arte oficial romana influenciou a iconografia dos primórdios da Igreja Católica: a imagem de Cristo "em sua majestade", por exemplo, era uma adaptação da imagem do imperador. (...) De maneira semelhante, o papa Gregório, o Grande (c.540-604), dizia que as imagens serviam para aqueles que não sabiam ler — a grande maioria — da mesma maneira como a escrita servia para aqueles que liam. Beijar uma pintura ou uma estátua era um modo comum de expressar devoção, (BURKE, Peter, 2002, p. 18-19).

Em toda a história da humanidade, as instituições formaram opiniões e criaram conceitos, que até hoje são seguidos. Portanto, o uso dos meios favoreceu a fidelização das pessoas ao

que a instituição apresentava. Isso se dá, principalmente, pela relação que a Igreja mantinha e mantém até hoje. Puntel (1994) recorda que “a relação entre a Igreja e a comunicação é baseada principalmente na relação da Igreja com os recursos tecnológicos da comunicação, mais que a Igreja e a comunicação como um processo social”.

A democratização da comunicação na América Latina passa, inclusive, na perspectiva do avanço e abertura que a Igreja entende como positivo.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) representou o maior avanço da instituição na aceitação dos meios de comunicação de massa como instrumento para levar avante as atividades pastorais (evangelização). (PUNTEL, Joana T. 1994, pg. 29).

Puntel aponta que a Igreja, após anos de recusa, se torna mais sensível aos *mass media*<sup>1</sup>, pois percebe a positiva utilidade deles.

A Igreja começou, lenta e gradualmente, a perceber a utilidade dos meios eletrônicos de comunicação, na difusão de suas mensagens, e a servir-se deles. Durante o período de 1878 a 1939, a Igreja mostrou alguma flexibilidade em relação à imprensa e às novas tecnologias de comunicação, particularmente ao cinema e ao rádio, mas ainda se movia com cautela. A evolução do cinema no início do século XX impressionou o papa Pio XI, que se tornou pessoalmente interessado na recente invenção; essa nova tecnologia de comunicação levou a criar a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC), em 1928. (PUNTEL, 1994, pg. 35).

Em 1931, a Igreja, por meio do então papa Pio XI, dá um importante passo na comunicação para o mundo. Enquanto rádio era ainda desconhecido em diversas localidades, soava no Vaticano as palavras do Pontífice por meio da então Rádio Estação do Estado da Cidade do Vaticano.

A Rádio foi, de fato, um grande avanço para o catolicismo, bem como a transformação da atuação do povo neste contexto. Com base no *Inter Mirifica*<sup>2</sup>, Puntel (1994) aponta que a “modernização” da Igreja, quanto à comunicação, passa pela necessidade de caminhar conforme os avanços da sociedade moderna.

Apesar das tantas limitações apontadas, deveríamos ressaltar os aspectos positivos do Inter Mirifica. Em resumo, esse decreto pode ser considerado um divisor de águas em relação à mídia, e não um fim em si mesmo. (...) Além de reconhecer que é dever de todos contribuir para a formação das dignas opiniões públicas, o decreto assume os instrumentos de comunicação social como indispensáveis para a ação pastoral. (PUNTEL, 1994, pg. 62)

Neste contexto de democratização da comunicação e o papel da Igreja Católica neste processo, bem como a sua motivação a se adaptar a esta realidade, deve-se também pensar como isso interviu na relação da América Latina, por exemplo, o Brasil, e os meios de comunicação. É o que aponta Puntel (1994) sobre as formas de atuação da Igreja na década de 50.

Uma das mais importantes abordagens de comunicação de massa que a Igreja usou durante esse período foi a chamada “missão popular”. Especialmente na década de 50, muitos grupos de “missionários” iam de região em região, pregando para diversas cidades reunidas ou até mesmo países inteiros. (...) Os líderes religiosos da zona rural, percebendo o desprezo e a exploração dos camponeses, começaram a suprir a ausência de serviços governamentais. A própria Igreja entregou-se a uma série de iniciativas tais como educação de adultos (escolas radiofônicas, por exemplo), crédito, cooperativas de comercialização e de produção, postos de saúde etc. (PUNTEL, 1994, pg. 106-107).

A Igreja em Sergipe, portanto, usava-se do modelo de Rádio. A explosão do rádio em todo o mundo motivou a instituição contar com esses mecanismos para a propagação das suas doutrinas e conceitos, de forma a atingir melhor os seus seguidores e disseminar os seus princípios religiosos. No entanto, antes disso, surgia as Escolas Radiofônicas, como descreve Puntel (1994), exemplificando a ação em algumas as regiões do Brasil.

As escolas radiofônicas em Natal (RN) constituíram uma experiência bem-sucedida. Por isso, os bispos da CNBB estenderam o sistema dessas escolas para outras áreas rurais subdesenvolvidas do país: Norte, Nordeste, Centro-oeste e norte de Minas Gerais. O Governo Federal financiou as escolas radiofônicas, sobre a direção da CNBB, por cinco anos. O sistema espalhou-se então rapidamente e, em 1963, havia 59 sistemas em operação, usando 25 rádios transmissoras e atingindo 7.353 escolas, em 57 dioceses e 15 estados.



No final na década de 50 a primeira Rádio Católica do Estado era fundada como parte integrante do Projeto Movimento de Educação de Base. A Cultura de Sergipe nasce na proposta de ser uma rádio educadora, transmitindo conteúdo que promovesse o conhecimento dos seus ouvintes. A emissora se tornava o principal meio de comunicação entre a Arquidiocese de Aracaju e os fieis, fazendo dela uma grande propagadora da fé católica e da religião como um todo.

Quando os programas católicos deixaram de ser transmitidos pela Rádio Liberdade, por causa de desentendimentos entre a emissora e a Cúria Metropolitana, Dom José Vicente Távora, bispo Diocesano de Aracaju, sentiu-se ofendido e, com isso criou a Rádio Cultura, eminentemente católica e desvinculada de partidos políticos. A Rádio Cultura foi a primeira a ter uma programação 24 horas. <Disponível em: <https://rtvsergipe.wordpress.com/radio-em-sergipe/>>

Pelo bloqueio dos programas católicos na Rádio Liberdade AM, o Arcebispo da época, Dom Vicente Távora, decide criar um veículo próprio para a então Diocese. A Cultura foi pensada sem o vínculo político – diferente das demais daquela época – e a única com programação 24 horas no ar.

A intenção de Dom Távora era de criar uma nova linha de alfabetização para os que mais precisavam. Para isso, visitou todas as paróquias da diocese e teve êxito na instalação dos mecanismos para que as pessoas tivessem o acesso.

Como é de se entender, não deve-se analisar, inicialmente, a Rádio Cultura apenas como um meio religioso, pois o objetivo inicial, já contextualizado aqui, era de cunho social. No entanto, isso estava em comum acordo com aquilo que a Igreja, por si, tinha como princípio. Todavia, ao passar dos anos, a Cultura era cada vez mais delineada para um sentido religioso, afinal a sua relação era inteiramente com a Igreja.

É partindo disso, que esse trabalho buscará fazer uma análise de como a Rádio Cultura de Sergipe se tornou um forte elemento da Igreja Católica para a promoção da sua doutrina. Seja

com depoimentos de pessoas que ajudaram na criação e disseminação, seja com narrações e gravações de antigos membros da mesma. Mais ainda, conhecendo a história da Rádio que modificou o contexto da comunicação na Igreja, que passou a se relacionar, de forma mais interativa, com outros meios de comunicação.

Como a Rádio Cultura foi um canal de evangelização para a Arquidiocese de Aracaju, este será a grande motivação deste trabalho. É enxergando à luz da ciência, mas também dos princípios da própria Igreja Católica, que este autor fará uma análise dos anos de história que o veículo tem, bem como a difusão de processos do conhecimento pelas suas ondas sonoras.

Assim, as pesquisas em campo acontecerão em diversos lugares, a começar pela sede da própria rádio, que fica localizada na capital sergipana. Isso se dá pela necessidade em compreender bem os avanços da rádio ao passar dos anos. A estrutura, os funcionários, bem como locutores, os objetos, os instrumentos de trabalho e diversos outros elementos, que farão do trabalho ainda mais completo e de conteúdo interessante.

Além disso, essa pesquisa estará se relacionando com a história de diversos personagens que construíram, transmitiram e mantiveram a história da emissora e todo o seu legado para os sergipanos. É sair em busca de uma interação com padres, bispos e leigos da Arquidiocese de Aracaju que acompanharam, de perto ou por meio das ondas sonoras, a evolução da Cultura de Sergipe. Afinal, tudo isso só foi alcançado, porque esteve á frente uma importante instituição.

Por se tratar um produto de cunho radiofônico, este trabalho terá um tempo mínimo de cinco meses, entre pesquisa, produção, gravações e edição.

Estudar o papel da Rádio Cultura de Sergipe como elemento da propagação da fé católica é de fundamental importância, pois se dá por uma análise de uma rádio que tem um papel

primordial para a Igreja em Sergipe. Além disso, a presença do catolicismo é muito ampla em todo o território sergipano, fazendo da rádio um importante canal.

Joana T. Puntel, em “A Igreja e a Democratização da Comunicação” (1994), traça uma fundamental discussão quanto à democratização da comunicação no mundo, destacando como a Igreja Católica se abriu a esta realidade e passou a utilizá-la como importante canal de transmissão de conceitos e princípios. O que motiva este autor a ter como base tal livro, é a proximidade que traça a obra quanto à questão da valorização que a Igreja concede aos meios de comunicação de massa, onde permeia a realidade radiofônica: objeto de estudo deste trabalho.

Analisar o livro acima é compreender, inicialmente, a história do avanço tecnológico da Igreja Católica, que traz consequências para a América Latina, até mesmo para o Estado de Sergipe. Ou seja, é um processo hierárquico, afinal, a Igreja sempre obedeceu esse sistema institucional. Delineando, o Vaticano abriu-se para a realidade, considerando o seu papel multiplicador de informações, chegando a impactar todas as suas instâncias, como as paróquias da então Diocese de Aracaju.

Além de Puntel (1994), este trabalho terá como base teóricos que narram, de forma técnica, as formas de atuação do rádio em contexto de documentário radiofônico, como pode ser apreciado no item seguinte.

## **1.2 O documentário Radiofônico**

O documentário radiofônico ou rádiocumentário é uma atividade realizada com bases em testemunhos/entrevistas de forma documental com pessoas que possam expressar, oralmente, sobre determinado assunto, como aponta Robert Mcleish (2001).

Um documentário apresenta somente fatos, baseados em evidência documentada – registros escritos, fontes que podem ser citadas,

entrevistas atuais e coisas do gênero. O objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada. O programa especial, por outro lado, não precisa ser totalmente verdadeiro no sentido factual, podendo incluir canções folclóricas, poesia ou uma peça radiofônica de ficção com ilustrações sobre o tema. (MCLEISH, 2001, Pg. 191).

Além disso, são características do produto o planejamento, a pesquisa, a estrutura, a coleta do material e a paisagem sonora, que corresponde aos sons (ao vivo, por exemplo) que criam impressões e verdade ao trabalho.

A razão de se usar sons ao vivo é ajudar a criar um clima apropriado. Mais do que isso, para aqueles ouvintes que estão familiarizados com o tema, o reconhecimento de um ambiente autêntico e de ruídos específicos eleva a autoridade do programa. (MCLEISH, 2001, pg. 194).

Por isso, este trabalho terá como princípio o uso de todos esses processos, a fim de obter um resultado o mais próximo do que pedem as técnicas radiofônicas. Salienta-se que é de fundamental importância o uso das normas técnicas para o rádio, como a ética, apontada em vários itens do conhecido Código de Ética do Jornalismo, aplicado em todos os meios de comunicação de massa, inclusive.

O propósito primário de coletar e distribuir notícias e opinião é de servir ao bem-estar geral, informando pessoas e possibilitando-lhes fazer julgamentos sobre os assuntos da época. Os jornalistas que abusam do poder de seu papel profissional por motivos egoístas ou propósitos perversos são indignos dessa confiança pública. (BARBEIRO; LIMA, 2001, pg. 123).

Por conseguinte, este trabalho não cessará, enquanto não compreender o papel importante do Rádio, em sua magnitude midiática. A sua história, a sua relação com a sociedade, a sua relevância para o tema e por sua natureza informacional.

## **JUSTIFICATIVA**

Analisando, inicialmente, a importância da própria Igreja Católica, verifica-se o seu grau de interação com os seus milhares de seguidores. Portanto, é de primordial importância, sendo católico ou não, sendo cristão ou não, reconhecer a atuação da Igreja na democratização da comunicação, em seu âmbito mundial, nacional e estadual. Assim como transmitir as pessoas tal relevância para a sociedade. Ou seja, pesquisar, divulgar e disseminar a sua importância para a população. O povo sergipano, neste contexto, avançou de forma concreta na comunicação com o apoio e incentivo da Igreja Católica. Por isso, se faz importante pesquisar e aprofundar o conhecimento quanto à Igreja em Sergipe.

Depois, de forma mais objetiva, deve-se analisar a história da Rádio Cultura, que faz parte da história de Sergipe, e recordar os avanços da comunicação para a Igreja, para a sociedade e para os profissionais que já atuaram ou ainda atuam no veículo.

Muitos profissionais que hoje são destaque no Brasil e no mundo, saíram da Rádio Cultura. Assim, ela pode ser reconhecida como uma “genitora” de talentos midiáticos, que formaram e informaram gerações. A Cultura foi o berço para dezenas de jornalistas, radialistas, cronistas e professores – ainda na sua era de rádio educadora. Sendo assim, o veículo é, indiscutivelmente, um dos principais veículos do Estado.

Por atuar em Amplitude Modulada (AM), a Rádio Cultura atinge, inclusive, outros estados, como Alagoas e Pernambuco, sendo, portanto, uma disseminadora da cultura sergipana, bem como do esporte do Estado, já que, hoje, conta com uma equipe de importante destaque no cenário esportivo.

Analisando tudo isso, para um aluno, que deve atuar, posteriormente no mercado, é fundamental conhecer um projeto tão importante como a Rádio Cultura, pois narra uma fase de grande valia para a comunicação do Estado. Fase essa que foi considerada o auge para muitos, como jornalistas e radialistas.

A escolha deste objeto se dá pela proximidade que este autor tem com a história da rádio, afinal, já pôde ver de perto como funciona e até mesmo contribuído para a sua promoção. Como cristão católico, este autor se vê motivado a reconhecer o papel que o veículo exercer para a promoção da “paz e da dignidade” através das suas ondas sonoras e divulgar a sua importância para a continuidade deste conceito, impelido pelo Papa Francisco no último Dia Mundial das Comunicações, onde destacou o papel do jornalismo como promotor da verdade. Francisco, nas suas palavras destaca a importância do combate à *fakenews – notícias falsas na internet* – que tem disseminado, segundo o Papa, “muitas consequências negativas para a população”.

Este modelo de jornalismo, executado também pela Rádio Cultura, é um canal de inspiração para as dezenas de profissionais que atuam em Sergipe e em outros Estados. Assim, deve-se afirmar a competência que tem o veículo nesta promoção.

Este autor, como um dos membros da Assessoria de Comunicação da Arquidiocese (2012-2014), pôde ver de perto a necessidade em fazer ainda mais conhecida a Rádio Cultura, sobretudo, no âmbito religioso e na propagação da fé católica.

Compreender a atuação na propagação da fé, é, talvez, tão importante, quanto a própria história da Rádio, pois o objetivo, por vezes, está em mais evidência que o próprio veículo. Assim, não compete a este trabalho analisar e enfatizar apenas a história, mas o objetivo central e primordial da rádio. Por isso, ele será fundamental para as gerações futuras que devem analisa-lo e tê-lo como base para outras pesquisas.

## **METODOLOGIA**

Por se tratar de um produto de investigação, inclusive de uma instituição e seus mecanismos, o projeto é um tipo de pesquisa histórica. Isso se dá, pois os processos serão de

resgate da história da Rádio, bem como de pessoas que fizeram parte da construção do que o veículo hoje representa para a sociedade sergipana, inclusive como elementos fundamentais na propagação de princípios religiosos.

## 1. TIPO DE PESQUISA

A pesquisa aplicada neste projeto é a qualitativa, pois será uma análise feita a partir de um conceito, que é a propagação da religião por meio de um veículo de comunicação. Além disso, serão analisados os testemunhos de pessoas que fizeram parte da construção da rádio.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

a) Levantamento bibliográfico de diversos autores, que contribuam para o melhor entendimento da proposta apresentada. Para tal, serão analisados autores de cunho religioso, como por exemplo, o livro “Comunicação social da Igreja: documentos fundamentais”, de autoria da professora Noemi Dariva.

Além deste exemplo, ter como base os documentos oficiais da Igreja Católica, que explicitam melhor a importância da interação da comunicação e a referida instituição. Cita-se, como exemplo, o “Documento de Aparecida”, “Intermirifica”, e outros.

b) O segundo passo é a pesquisa de documentos que contribuam para a história do objeto estudado, no caso a Rádio Cultura de Sergipe. Ou seja, buscar fotos (para ser adicionado), dados históricos, áudios (afinal é um produto radiofônico), dentre outros.

c) O processo de escrita será de grande valia para o projeto. Será reservado um bom espaço de tempo, a fim de possibilitar a este autor a liberdade de, com o processo de pesquisa, bem como o conteúdo pesquisa, possa oferecer um texto de importância para a sociedade.

d) Após a escrita, se faz necessário partir para a roteirização do documentário, traçando uma linha de raciocínio, segundo os dados já pesquisados, os testemunhos buscados e as trilhas escolhidas, apresentando uma paisagem sonora ainda mais completa.

e) Feito isso, a etapa seguinte será composta pela agenda de gravações em off, tendo uma narração, com estilo e emprego ortográfico jornalística, destacando essa linguagem no produto. Essa etapa será também reservada para a edição do material, que será feita por pessoa capacitada e previamente alinhada a todo o processo do projeto.

f) A finalização do produto deverá passar por uma criteriosa avaliação, feita não só pelos envolvidos no trabalho, mas pessoas que possam analisar erros de dicção ou textuais – concordância etc -, e todo o trabalho.

### **3. INSTRUMENTOS DE PESQUISA / CONSTRUÇÃO DOS DADOS**

Na pesquisa, será utilizada a entrevista de personagens, como, por exemplo, o Arcebispo Emérito de Aracaju, Dom José Palmeira Lessa, que esteve, por um bom tempo, a frente da Rádio Cultura de Sergipe. Além disso, buscar entrevistas com o setor de jornalismo da emissora, que também interage bem com os demais veículos de comunicação e com os ouvintes.



Vale elencar que as entrevistas contribuem de forma muito positiva na construção do conteúdo, pois o testemunho de quem já passou pela rádio ou ainda lá está, enriquece o projeto e traz veracidade.

Outro método, será a análise de documentos, como legislação brasileira, acerca do rádio no Brasil. Isso se apresenta como fundamental para o projeto, pois, dará uma importante contribuição, elencando, inclusive, como o veículo radiofônico tem se comportado perante as leis que regulamentam o uso do meio.

#### 4. FONTES

Como já proposto aqui, as fontes serão utilizadas em forma de entrevista, com perguntas e respostas, tendo um gravador como principal instrumento ali. Além disso, analisar sites ou livros que possam contar a história do objeto analisado.

Ex diretores, arcebispos, padres, apresentadores, técnicos, enfim, pessoas que tenham contribuído ou que ainda estão no quadro da emissora.

### REFERÊNCIAS

**PUNTEL**, Joana T. Tradução de Floriano Tescarolo; **A Igreja e a democratização da comunicação**. 1994. São Paulo: Paulinas;

**MCLEISH**, Robert. Tradução de Mauro Silva; **Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**; 2001. São Paulo: Summus;

**BARBEIRO**, Heródoto; **LIMA**, Paulo Rodolfo de; **Manual de Radiojornalismo: produção, ética e internet**. 2001. Rio de Janeiro: Campus.

**GOES, Aline; BISPO, Franciellee; OLIVEIRA, Aldair; A história do Rádio Em Sergipe.** 2014. *Disponível em: <https://rtvsergipe.wordpress.com/radio-em-sergipe>.*

## ANEXO A – CORDEL – UMA HISTÓRIA DE CULTURA

Rádio Cultura de Sergipe  
Dom Távora é o fundador  
Outra igual não existe  
Criada para o povo com amor

Em 21 de novembro nascia  
Primeira rádio católica do Estado  
Muito trabalho e muita alegria  
Evangelho ao povo amado

Educação a distância inovou  
Radialistas na rua se via  
Pela censura também passou  
Vinhetas e sabedoria viria

Alencar Filho e Sodré Júnior trabalharam  
Bem como Oscar Macedo e Raimundo Almeida  
Muitos profissionais também ajudaram  
Como o grande Jairo Alves de Almeida

Não podemos deixar de falar  
Do Gilvan Fontes e Monsenhor Carvalho  
Raimundo Luis e Dom Luciano – a dedicar  
Reinaldo Moura, haja trabalho

O esporte era destaque  
José Antônio Marques da voz forte  
Carlos Magalhães nos embates  
Gritos de gol's aos montes

“Tá” na história da comunicação  
A Comunidade Shalom ajudou  
Quase 60 anos de comunhão  
A Igreja em muito avançou

“Hora Católica todos queriam ouvir  
É a voz da Igreja aos recantos  
O Bispo a falar e impelir  
Era sabedoria e ardor, louvor a todo canto

Hoje Padre Genivaldo Garcia  
E também o padre Manoel  
Outrora Dom Henrique Soares  
Esses cumpriram o papel

A Missa de São Salvador  
É um marco na história  
Com carinho e muito amor  
Celebremos mais esta vitória

Esta obra não pode parar  
Parabéns a todos e a cada um  
Vamos todos agora festejar pela obra e pela evangelização  
Que a rádio cultura continue cumprindo esta importante missão

Por Edivan José da Costa  
8.11.2018